

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Setembro-Outubro de 2000



O preço de um resgate



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Setembro-Outubro de 2000

A R T I G O S

11 A LINGUAGEM NOS SERVIÇOS RELIGIOSOS

Um estudo sobre como as funções da linguagem estão relacionadas à comunicação eclesiástica.

14 O REMANESCENTE E OS DISSIDENTES

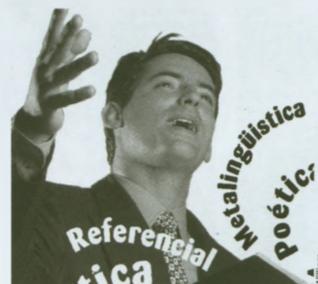
Última parte do artigo veiculado na edição do bimestre maio-junho, sobre os ataques à Igreja Adventista.

23 A CRIAÇÃO BÍBLICA

Análise dos vários modelos criacionistas contemporâneos.

26 A FUNÇÃO DA TEOLOGIA NA IGREJA

Uma reflexão a respeito de como, onde e por quem deve ser formulada a teologia adventista.



S E C Ç Õ E S

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

9 PONTO DE VISTA

19 IDÉIAS

28 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS

Ano 71 – Número 05 – Set./Out. 2000
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Editor de Arte: Wilson Almeida

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón; Jonas Arraes de Matos;

Colaboradores: Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira; José S.

Ferreira; Mário Valente; Montano Barros Neto

Capa: Montagem sobre ilustrações de A. Rios

Diretor Geral: Wilson Sarli

Diretor Financeiro: Ednor Max Gruber

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.ministerio.r1v.com

Tiragem: 4.300 exemplares

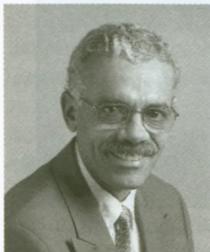


Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-970 Tatuí, SP



Divulgado

Mudanças

Imutabilidade. Eis um dos atributos divinos menos difíceis de compreender. O apóstolo Tiago afirmou que “toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1:17). E a respeito de Si mesmo, disse Deus: “Porque Eu, o Senhor, não mudo.” (Mal. 3:6).

Deus não muda para melhor. Pelo fato de ser perfeitamente santo, nunca poderá ser menos santo do que é agora, nem mais santo do que sempre foi. Também não muda para pior. Qualquer mancha na natureza infinitamente santa de Deus é impossível. Já se disse que “tudo o que Deus é, Ele sempre foi e tudo o que sempre foi é, Ele sempre será”.

A imutabilidade de Deus aparece na sua mais perfeita sublimidade quando vista em contraste com a mutabilidade do ser humano. É impossível ao homem escapar às mudanças. Nem ele nem o seu mundo são fixos, mas instáveis. Por algum tempo, cada homem aparece para rir, chorar, trabalhar e repousar, receber a tocha de uma missão específica e transferi-la para outro, que dá continuidade ao seu trabalho. De modo que as mudanças fazem parte de nosso pequeno mundo da natureza e dos homens, mas Deus permanece na direção e no controle de todas as coisas e situações.

É nessa moldura que registramos as mudanças ocorridas na liderança da Divisão Sul-Americana, por ocasião da última assembléia mundial da Igreja, realizada em Toronto, Canadá: O Pastor Raúl Gomez, ex-presidente da União Peruana, é o novo secretário em lugar do Pastor Roberto Gullón, que se aposentou. Para a tesouraria, foi eleito o Pastor Marino Francisco de Oliveira, em substituição ao Dr. Alípio Rosa, nomeado diretor de Saúde. O Pastor Marino era tesoureiro da União Sul-Brasileira. Como diretor de Publicações, foi nomeado o Pastor Almir Marroni, que também servia à USB. Ele substitui o Pastor Vilmar Hirle, que aceitou chamado para a Divisão Transeuropéia. As atividades da Agência Adventista de Recursos Assistenciais, Adra, serão dirigidas pelo Pastor Ronaldo Kuhn, egresso do Peru, depois de um marcante período em países africanos. Os demais departamentos continuam com seus respectivos titulares.

Afetando mais diretamente a revista *Ministério* destaca-se a nomeação do Pastor Jonas Arraes de Matos, como secretário ministerial associado, substituindo o Pastor José Mascarenhas Viana, agora, diretor de Evangelismo da União Central-Brasileira. E nesse caso, é impossível deixar de fazer, com muita justiça, uma

referência especial. Dizer “muito obrigado” ao Pastor Viana, por tudo o que ele representou em sua esfera de ação na Associação Ministerial e para a revista *Ministério*, parece muito pouco, mas é o sentimento que certamente brota de corações pastorais agradecidos e desejosos de que a plenitude das bênçãos de Deus continue regando o seu caminho, ao desempenhar suas atividades na UCB.

Líder competente, amigo, humilde e acessível, pregador poderoso e cristocêntrico, conselheiro sábio e ouvinte empático, ele cumpriu fielmente mais uma fase do seu ministério. É importante destacar sua participação ativa no Projeto *Preach*, através da coordenação de três seminários para pastores evangélicos, sendo também um dos responsáveis pelas mudanças de visual e formato da revista *Ministério*.

Não é justo omitir a irmã Vasti Viana, que o acompanhou com muita dedicação na assistência espiritual às esposas dos pastores, atuando como coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam.

Nosso reconhecimento é também extensivo ao Pastor Alejandro Bullón, reeleito secretário ministerial, cujo trabalho realizado como titular do setor, nos cinco anos anteriores, além de suas atividades como orador do programa *Está Escrito*, dispensa comentários.

Ao Pastor Jonas Arraes de Matos, calorosas boas-vindas. Doutor em Teologia pela Universidade Andrews, é casado com Raquel Arraes e tem dois filhos. O novo líder ministerial associado chega com a rica experiência de ter pastoreado as igrejas centrais de Santo André, SP, Porto Alegre, RS, e, ultimamente, Curitiba, PR. Embora estejamos gratos pelas vitórias passadas, convém olhar o futuro. Conquistas ainda mais emocionantes maiores desafios e realizações ainda estão à nossa frente. Não temos dúvidas de que Deus contempla o Pastor Arraes como parte desse Seu projeto. E Sua bênção lhe está assegurada.

Escrevendo em seu livro *Mais Perto de Deus*, Aiden Wilson Tozer garante que “Deus usa a mudança como um servo humilde para abençoar Sua casa redimida, mas Ele mesmo Se encontra acima da lei das mutações e não é afetado pelas mudanças...” Sim, Deus está no controle de tudo. “Todas as coisas, ao mudar, proclamam o Senhor, eternamente o mesmo”, disse Carlos Wesley. Trabalhem e descansemos em Deus, sem temores, dúvidas ou ansiedades. – Zinaldo A. Santos ☆

Alcançando a mente secular



Dr. Ravi Zacharias

DEREK MORRIS

Um dos grandes desafios com que se defrontam os pregadores é apresentar o evangelho a um mundo cada vez mais secularizado. Quando falamos em secularização, referimo-nos à inclinação da sociedade para uma vida sem Deus. É um fato observável que o homem moderno tem perdido a fé no sobrenatural, adquirindo uma percepção que o leva a ver tudo ao seu redor como algo limitado a este mundo e à experiência dos sentidos. Valores e práticas religiosos são descartados como irrelevantes e obsoletos.

Diante disso, a grande questão é: como imprimir o significado cristão da vida a indivíduos que não encontram qualquer satisfação ou sentido nas coisas religiosas? Como pregar a pessoas completamente alheias ao vocabulário cristão, e para quem a perspectiva cristã parece isolada do contexto geral da vida? Como apresentar uma mensagem de fé a pessoas saturadas pelas mensagens materialistas e hedonistas transmitidas por revistas, novelas, filmes, músicas e ideologias que as incapacitam para perceber e viver sentimentos elevados e nobres?

Como apresentar Deus a indivíduos abafados por preocupações criadas e alimentadas por um horizontalismo exclusivo, para quem a vida se limita ao aqui e agora?

Numa entrevista concedida à revista *Ministry*, o Dr. Ravi Zacharias ajuda a encontrar respostas para essas interrogações. O Dr. Zacharias, autor de vários livros, é presidente de uma instituição missionária que leva o seu nome, sediada em Norcross, Georgia, Estados Unidos. Ela es-

tá basicamente empenhada na realização de palestras e produção de material evangelístico para alcançar intelectuais, pensadores e universitários. O entrevistador foi o Dr. Derek Morris, professor de Religião na Universidade Adventista do Sul, em Collegedale, Tennessee, Estados Unidos.

A dessacralização da família e a banalização dos valores ajudam a esvaziar a mente da crença em Deus.

Ministério: *Em seu livro, Can Man Live Without God?, o senhor sugere que há um esforço concentrado de alguns pensadores seculares no sentido de erradicar da mente humana a crença na existência de Deus. Quais são as estratégias utilizadas?*

Ravi Zacharias: São estratégias explícitas e implícitas. O desafio ao conceito teísta pode ser traçado através de alguns filósofos do último século como Nietzsche, os Huxleys, Bertrand Russel, e

de escritores existencialistas como Sartre e Camus. Também pode ser encontrado com um pouco mais de sutileza na base de certos ensinamentos acadêmicos. Poderia citar o exemplo de um vídeo promocional de uma universidade onde um estudante declara que um dos mais gratificantes benefícios que ele obteve ali foi tornar-se um intelectual completamente ateu. Note, isso num vídeo promocional. Você pode ainda encontrar a mesma idéia em lugares como Oxford, onde indivíduos como Peter Atkins e Richard Dawkins claramente afirmam que seu objetivo não é simplesmente falar da inexistência de Deus, mas convencer os crentes que o teísmo é essencialmente irracional. Dawkins, em suas conferências sobre Voltaire, realizadas na Associação Humanista Britânica dois anos atrás, falou a respeito da crença religiosa como sendo um tipo de vírus no computador humano. O esforço contra a idéia de Deus também é verificado em muitos programas da mídia hoje. A dessacralização da sexualidade e da família, o desrespeito aos pais e a banalização dos valores são meios de esvaziar a mente da crença em Deus. Os conceitos aparecem subliminarmente, mas as pessoas os absorvem e acabam se acostumando. Existe uma crucial perda de senso dos valores essenciais da vida, onde tanto o nascimento como a morte perderam seu foco moral. As questões humanas são decididas sobre a base de interpretações pragmáticas e argumentações embaraçosas. A ética subjacente é frequentemente vista em termos de dinheiro ou indevidamente influenciada pelos resultados de uma pesquisa. O efeito cumulativo de tudo isso é o rebaixamento das convicções morais de mentes jovens

especialmente. Adolescentes que mal atingiram a maturidade para responder a escolhas morais complexas são agora confrontados por opções que derrubam suas pressuposições éticas, antes que eles tenham a possibilidade de enfrentá-las.

Ministério: *Quais são algumas das maneiras pelas quais a vida sem Deus é apresentada como fazendo sentido?*

Ravi Zacharias: Nietzsche falou sobre essa inevitável questão. Em sua parábola intitulada "O maluco", ele diz: "Não está a noite muito longa? As lanternas devem iluminar a manhã." Em outras palavras, o surgimento da ideia de Deus é um tipo de longa escuridão. O pensamento secular está vindo iluminar o caminho do homem. Malcolm Muggeridge resumiu isso, quando disse existir apenas megalomania ou erotomania, pressão pelo poder ou pelo prazer. Se Deus está morto ou fora do quadro, isso é basicamente o que nos foi legado. Politicamente, vemos a pressão pelo poder. Culturalmente, vemos a pressão pelo prazer. Mas as pessoas são muito sofisticadas para simplesmente admitir que essas são suas mais significativas razões para viver. Rejeitam isso. Por isso você tende a cultivar filosofias pragmáticas que dirigem a humanidade contemporânea para simplesmente fazer qualquer coisa. Num tipo de reação a esse pragmatismo ateu, surge uma espiritualidade distorcida na forma de todo tipo de misticismo. Alguns dos modelos místicos orientais são bem recebidos porque eles facilitam uma forma de ética sem Deus. Assim nossa tendência pragmática ou mística torna-se um substituto para o compromisso teístico.

Ministério: *Parece que muitos cristãos, incluindo pregadores, são reticentes para partilhar sua fé com pessoas seculares porque crêem que elas experimentam uma existência plena. Mas o senhor sugere que para muitos em nosso avançado mundo, o desespero não é um momento, mas um estilo de vida. Por que uma visão antiteísta frequentemente leva ao desespero?*

Ravi Zacharias: Pode até não ser um desespero angustiado, mas é uma rendição a uma inutilidade de existência. Os existencialistas admitem isso. Camus comentou que a morte é um problema apenas de filosofia. Sartre disse que a vida é uma bolha vazia, flutuante no mar do nada. Em seu leito de morte ele admitiu que sua filosofia de ateísmo tornou-se insuportável. E acabou rejeitando suas ramifi-

cações, embora muito tarde na vida. A razão pela qual uma visão antiteísta tão frequentemente leva ao desespero reside profundamente no coração humano. Salomão disse no Eclesiastes que Deus colocou a eternidade no coração do homem. Almejamos por tal qualidade de coerência que recusa a morte da capacidade de absorver todas as emoções, todo o amor que nós temos, gerando assim uma vida sem sentido. Essa fome de coerência e propósito transcendente é algo muito real. O senso moral na mente humana nos compele a buscar um senso de propósito, não um propósito inventado, mas autêntico e essencial. Fui convidado por um dos dez mais bem-sucedidos homens da atualidade, para falar em Hong Kong. Esse homem é um magnata chinês, multibilionário. Tão logo desembarquei no aeroporto, fui leva-

Em Cristo,
o ser humano
encontra,
aprende
e vive a
realidade
absoluta.

do para jantar com esse cavalheiro. A primeira pergunta que lhe fiz foi a seguinte: "Quando você se tornou um cristão?" Ele respondeu: "aproximadamente há 18 meses." Perguntei-lhe então sobre o que o teria levado a essa decisão. E ele falou: "Eu estava saindo de meu escritório, certo dia, e me dirigia para casa, quando pensei comigo mesmo que minha vida era vazia. Realmente não tinha qualquer propósito. Eu tinha muito dinheiro, mas não havia propósito em minha vida." De onde se encontrava, telefonou para a esposa convidando-a para ir a uma igreja naquela noite. Escolheram uma igreja, assistiram às programações por algumas semanas e entregaram a vida a Cristo. Se você for a qualquer campus durante um fórum universitário, verá que o local está sempre

cheio. Em Harvard, Cornell, Princeton, Ohio, State, Indiana, em qualquer lugar, os auditórios estão sempre lotados com estudantes que estão prontos para encarar desafios e fazer questionamentos. Eu penso que esse é um sinal de fome genuína. Recentemente, fiz um seminário sobre Deus e o problema do mal. Cerca de duas mil pessoas assistiram à transmissão via satélite, para 100 universidades. Esse interesse mostra que há um senso moral dentro de nós que deseja resolver o enigma da vida. Há quem não demonstre interesse nesse assunto. Mas quando as coisas se tornam difíceis, não são capazes de viver pelas implicações lógicas de suas pressuposições. Apenas escondem-se nelas.

Ministério: *A afirmação de Cristo, "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", parece sem sentido numa sociedade pós-moderna. Por que o senhor diz que essa é a "mais razoável declaração de exclusividade"?*

Ravi Zacharias: A verdade, por definição, é exclusiva. O que as pessoas frequentemente esquecem, mesmo em grandes audiências, é que o cristianismo não é apenas uma fé que reivindica exclusividade. Toda religião que eu conheço faz essa reivindicação. O hinduísmo é exclusivista quanto à sua lei do karma ou lei da reencarnação. O budismo nasceu rejeitando o hinduísmo. O islamismo é obviamente exclusivista. Sempre que você reivindica uma verdade, está implícito que sua afirmação ajusta-se à realidade. Assim, a verdade por definição é exclusiva. Quanto à sua reivindicação, a questão é se o argumento é válido ou se não passa de uma afirmação meramente caprichosa. Quando você testa uma reivindicação da verdade, há necessidade de consistência lógica, adequação empírica e relevância espiritual. Quando Cristo disse ser "o caminho, a verdade e a vida", queria dizer que, nEle, o ser humano encontra, aprende e vive a realidade absoluta. Isso é mais que razoável. Até porque, certamente, Ele é o único Mestre cuja pessoa e veracidade dos ensinamentos têm sido mais testados e analisados na História.

Ministério: *Que evidências o senhor partilharia com uma pessoa de mentalidade secular, para provar que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus?*

Ravi Zacharias: A Bíblia possui 66 livros, escritos por cerca de 40 autores num espaço de 1.500 anos. Poderia ser muito fácil, para alguém que quisesse des-

truir esse livro, encontrar gritantes contradições. Acho fascinante que sempre que as Escrituras são abertamente desafiadas, e as pessoas falam a respeito de contradições, no máximo, elas apresentam três ou quatro pontos. Mas ainda estou por encontrar alguém que apresente um caso de substancial contradição na Bíblia. Bruce Metzger, da Universidade Princeton, um dos principais eruditos do Novo Testamento em nossos dias, comenta que a legitimidade do texto, baseado nos mais antigos documentos e o que nós temos agora, tem 99,4% de exatidão. Na Bíblia estão reunidos cerca de cinco mil peças ou documentos. Olhando às evidências, imediatamente se sabe que isso não é um livro fabricado *post facto*. O próximo ponto é que a Bíblia é um livro histórico, não místico. Durante muito tempo, os eruditos falaram sobre o caráter de Pôncio Pilatos sem apoio na História extrabíblica. Mas nos últimos tempos, temos descoberto menções sobre Pilatos nesse tipo de fonte. Outra evidência da autenticidade das Escrituras é a afirmação de Cristo que é muito drástica. A mais dramática reivindicação de Cristo é a ressurreição. Se a ressurreição de Jesus foi um mito, os discípulos poderiam ter simplesmente reivindicado a ressurreição espiritual, afirmando que embora Seu corpo estivesse morto, Seu espírito está presente conosco. Como poderia alguém argumentar contra isso? É uma reivindicação que não tem referência empírica. Mas os discípulos anunciaram a ressurreição corporal, um anúncio que poderia facilmente ter sido invalidado, caso alguém mostrasse o corpo do morto. A ressurreição de Cristo é um fato tão dramático que tornou os discípulos corajosos e sábios para refutar qualquer afirmação contrária. Vários dentre eles se dispuseram a morrer porque criam que Ele de fato tinha ressuscitado dentre os mortos. Assim, para provar a validade das Escrituras, você tem a mensagem coerente, através de 1.500 anos, o volume de documentação desde sua origem, a História, a Geografia, os milagres e muitas outras evidências. As Escrituras são, sem sombra de dúvidas, um documento único.

Ministério: *Ao lermos as Escrituras, descobrimos que os filhos de Deus não estão imunes ao problema do sofrimento. E muitos céticos apontam isso como o maior obstáculo para alguém crer em Deus. Em seu livro, Cries of the Heart (Gritos do Coração), o senhor sugere que “a resposta ao sofrimento é mais relacional que proposicional”. Poderia explicar isso melhor?*

Ravi Zacharias: O problema do sofrimento é uma das mais fascinantes questões, se nos vemos exclusivamente como produtos da colocação ao acaso de átomos. Se cremos que estamos aqui por acidente, por que atribuir um contexto moral ao problema do sofrimento? Além de tudo, deveríamos aceitar isso como um dos mais concretos aspectos da nossa evolução. A razão porque lhe atribuímos um contexto moral é que somos incapazes de nos livrar da nossa natureza moral. Levantar o problema do sofrimento é realmente estabelecer a existência de uma estrutura moral, e isso não existe a menos que um legislador moral o faça. Além disso, não acho que a questão deva ser respondida somente pela lógica. Acho que há respostas proposicionais suficientes para conduzir bem a questão e suscitar reações significativas. Mas quando tudo

Para quem
trabalha com
idéias e pessoas,
ler é uma
prioridade
máxima.

isso é dito e feito, o que se destaca é em “Quem” da Bíblia você confia; e não em “que”. É no relacionamento que a pessoa deve apoiar-se. Se você toma uma criança no hospital e enfia uma grande agulha em seu braço, a criança pode gritar, chorar, agarrar-se ao seu braço, e ainda confiar em você. O poder de caminhar através da vida nasce do relacionamento. Proposicionalmente, o problema do sofrimento é apenas parcialmente respondido. A paz e a força são encontradas na consideração experimental e racional das coisas.

Ministério: *Da interação com pessoas de mentalidade secular, pode-se perceber que algumas delas têm a vontade tão desvirtuada que nada de bom se pode espe-*

rar delas. Como um cristão pode trabalhar com tais pessoas?

Ravi Zacharias: Existem algumas pessoas nas quais o ceticismo está tão impregnado, que mesmo quando suas defesas são neutralizadas elas ainda têm um fio de sentimento que bem fundamenta suas dúvidas. Você tem que permitir um processo de mudança de paradigma. Isso ocorre de várias maneiras. Primeira, perguntando à pessoa as questões certas com as quais ela convive e nas quais ela pensa. Segunda, não zombar das suas posições, mas respeitar o fato de que há uma busca honesta da verdade. Terceira, e eu acho que é a mais importante, a Igreja deve sempre ser uma comunidade autêntica de louvor, porque é no contexto de autenticidade e louvor que as barreiras são mais facilmente derribadas.

Ministério: *Que conselhos práticos o senhor daria a uma pessoa que está comprometida a alcançar indivíduos de mente secular para Cristo?*

Ravi Zacharias: Comunicar a fé cristã a uma pessoa secular é um genuíno combate para muitos, no ministério. O trabalho pastoral hoje é, em si mesmo, um processo melindroso. Assim, o passo mais importante, antes mesmo de começar a apologética e o testemunho, é estar pessoal e consistentemente reabastecido. Se você não estiver reabastecido consistentemente, suas habilidades para ministrar à pessoa sem Cristo é fraca. Um segundo passo é habilitar a igreja para estar conectada com a sociedade. Cada indivíduo que você capacita para essa missão significa uma multiplicação exponencial de você mesmo. Se você tem uma igreja de cem membros esperando que você faça o trabalho de testemunhar, será um processo muito vagaroso. Mas se você os capacita e equipa, haverá movimento em muitas direções. Por essa razão, deve fazer parte do seu ministério o trabalho de desafiar os membros da congregação a alcançar um nível intelectual e emocional sólido, sempre fundamentado nas Escrituras, de tal maneira que sintam confiança para alcançar a mentalidade secular. Finalmente, a terceira maneira, eu creio que os que estão engajados no ministério pastoral deveriam ler muito. Emprego de palavras sem rendimento de idéias resultará em bancarrota conceitual. Ler não é um luxo; é uma necessidade. Na verdade, necessita ser uma prioridade máxima para todos os que estão tratando com idéias e pessoas. ☆

As jóias do reino

SHAROM M. CRESS

Coordenadora mundial da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, da IASD



A sobrevivência da Igreja depende das nossas crianças. Elas devem, com justiça, ser reconhecidas como nosso maior recurso. No entanto, muito frequentemente, lhes dispensamos apoio apenas simbólico. Elas sempre parecem estar no fim da linha dos nossos pensamentos, quando planejamos campanhas evangelísticas, nutrição da igreja e outras atividades.

Olhando da perspectiva do Ministério da Criança na congregação local, chego a ficar angustiada pela falta de paixão por nossos menores. Por outro lado, quando eles se tornam adolescentes, repentinamente entramos em pânico, investimos dinheiro, tempo, recursos humanos e imaginação, tudo o que pudermos reunir, numa tentativa urgente para "segurá-los", temendo que deixem a igreja durante o período da adolescência.

Poderia ser que parte das pressões que nós sentimos, nessa ocasião, e algumas das tendências apóstatas que eles revelam são devidas ao fato de que fizemos por eles menos do que deveríamos fazer quando eram crianças? Que tal mostrar o mesmo sentido de urgência no trato com adolescentes quando eles ainda são crianças pequenas?

A Igreja necessita estar comprometida em usar ativamente os recursos disponíveis, para iniciar programas que tornem o ministério às crianças uma força formidável na congregação local. A Igreja, institucional e local, necessita prover recursos e idéias inovadoras que possam ser implementadas em cada congregação.

Ao lado desses importantes recursos, a maior influência vem dos próprios mem-

bros. Mantendo um saudável relacionamento com os mais jovens, os membros amadurecidos imprimem na mente daqueles sua interpretação do caráter de Jesus. A interação semanal ou diária com os membros dará aos meninos e meninas uma impressão da igreja que conduzirão quando se tornarem adultos.

Impressão correta

Recentemente, assisti a um documentário da *National Geographic* a respeito de zebras. Uma das observações mais interessantes dizia respeito aos potros. Quando o parto da égua vai acontecer, ela se afasta do grupo, não para muito longe, mas o bastante para ter segurança de que permanece em situação de comando. Depois que o filhote nasce, deve imediatamente levantar-se e andar. Sua sobrevivência depende disso. Mas a sobrevivência também depende de um outro fator igualmente importante. Quando o filhote se levanta, a mãe certifica-se de que ele vê apenas suas listras, durante os primeiros 15 minutos.

Aparentemente, o cérebro do bebê-zebra grava as listras da mãe. Considerando que cada zebra tem diferentes listras, é vital que o filhote tenha impressas na mente as listras da sua mãe. Se olhar outra zebra que não seja a sua mãe e imprimir outro modelo de listras, poderá morrer devido à confusão que faz ao olhar sua fonte de alimento e proteção. Nos primeiros minutos de vida, a correta impressão das listras pode fazer a diferença entre a sobrevivência e o desastre. A mamãe-zebra envolve o filhote recém-nascido, protegendo-o da cu-

riosidade de outras zebras, porque ela sabe que ele não deve olhar outra coisa senão suas próprias listras.

Como membros da igreja, necessitamos aprender com as zebras, assegurando-nos de que nossas crianças recebem a impressão correta ainda cedo, de tal maneira que elas se lembrem disso por toda a vida. A sobrevivência espiritual durante a agitação da adolescência depende da correta impressão recebida nos dias infantis.

Empregar tempo com os pequeninos pode não parecer algo tão importante ou estimulante como o "exercício mental" de uma discussão de grandes temas teológicos e doutrinas com adultos. Mas interagir com as crianças pode ser, de muitas maneiras, mais gratificante. Imitação ainda é a melhor forma de lisonja. O maior elogio que eu recebi foi o de uma garotinha que afirmou: "quando eu crescer, quero ser justamente como você." Desde então, tenho percebido que sua vida vem se desenvolvendo de tal maneira que vejo possibilidades de que ela chegue muito além de onde eu cheguei.

Como líderes, temos o dever e a responsabilidade de colocar diante do povo a necessidade de ministrat positivamente às nossas crianças. Precisamos estar seguros de que os membros recebem treinamento apropriado a fim de que saibam cuidar desse precioso tesouro, deixando uma positiva e duradoura impressão de Cristo. Pastores, professores, pais e educadores em geral precisam levantar Cristo diante dos pequeninos. Infelizmente, muitos membros são bem-intencionados, mas enfadonhos. Não raro, muita gente tem se revelado mais sábia para usar as crianças de uma forma que pode influenciá-las negativamente para o resto da vida.

Certo dia, dois juvenis foram visitar nossa casa. Falando a respeito da Escola Sabatina anterior, um deles exclamou que naquele dia assistiu à melhor classe de toda a sua vida. Perguntei-lhe a razão disso; e ele respondeu: "Nós conseguimos fazer alguma coisa. Não ficamos apenas sentados e sendo interrogados sobre uma coisa e outra." E enumerou todas as atividades, uma por uma, em que as crianças foram envolvidas: "Foi muito agradável", concluiu.

O Ministério da Criança pode criar cursos valiosos e treinamento, mas a chave é ter pessoas dispostas a implementar os programas capazes de moldar caracteres. As crianças têm um "sexto sentido". Elas podem rapidamente cortar o fio da religiosidade. Podem sentir em poucos mo-

mentos se nós realmente as amamos. E elas podem gravar as impressões em sua mente, retendo-as por anos.

No mesmo nível

Algumas semanas atrás, fomos, meu esposo e eu, a uma igreja na qual ouvimos a narração de uma história para crianças, feita por um adulto, durante o serviço de culto. Esse é um hábito positivo que algumas congregações mantêm, mas no caso específico daquela igreja, havia um problema: a história foi apresentada numa linguagem muito adulta, difícil de ser entendida pelas crianças. A narradora tinha um grande senso de humor que passava por cima da cabeça das crianças e alcançava os adultos, fazendo-os rir bastante.

A sobrevivência espiritual durante a adolescência depende da impressão recebida nos dias infantis.

A narrativa durou aproximadamente 15 minutos. Depois da programação, ouvi alguns comentários a respeito do longo tempo dedicado às crianças sem algo que realmente lhes prendesse a atenção. De fato, muitas delas estavam beliscando-se e empurrando-se, outras corriam para junto dos seus pais, subiam e desciam as escadas da plataforma, enquanto a história continuava. Era óbvio que havia um certo despreparo da parte de quem contava a história. Depois de uns dez minutos, eu mesma estava inquieta, desejando falar com meu esposo, rabiscar o boletim, ir ao banheiro ou fazer qualquer outra coisa. Foi então que eu me lembrei do sábio conselho da minha amiga Cheryl Retzer, segundo o qual "uma criança pode ouvir apenas um minuto de história para cada ano de sua existência". Quer dizer que uma criança de quatro anos consegue ou-

vir atentamente apenas uma história de quatro minutos.

As crianças não são obrigadas a permanecer na igreja. Mesmo quando nós fazemos tudo certo, elas ainda têm liberdade, direito de escolha dado por Deus, como qualquer pessoa. E podem escolher caminhos que nos entristecem. É importante nos assegurarmos de que quando elas "pulam no mar", nós podemos estar perto e salvá-las do afogamento.

Não faz muito, tive o privilégio de fazer um passeio submarino na bela Manado, Indonésia. Remamos até os recifes em um bote muito estreito e pequeno. Pular no oceano foi realmente fácil. Simplesmente coloquei os instrumentos de mergulho e nadei para longe. Depois de uma fantástica manhã observando corais, peixes raros e paisagens submarinas espetaculares, senti-me faminta, cansada, desejei voltar à canoa. Apesar da beleza do oceano, eu estava cansada e necessitava do repouso e segurança da praia. Entretanto, voltar à canoa foi outro problema. Tentei subir e manobrá-la, mas não conseguia. Muitas vezes quase alcançava, mas o mar parecia me prender como um ímã. Outras duas pessoas na canoa não pareciam gostar de que eu estivesse quase derrubando-as, comprometendo a segurança delas.

Finalmente, elas se tocaram que eu poderia estar necessitando de alguma ajuda para voltar, já que eu estava tão impaciente e desamparada. Com seus fortes braços resolveram me resgatar e dentro de pouco tempo eu estava salva. Comentando o incidente depois, demos boas risadas. Mas também nos lembramos de aplicar suas lições à situação dos nossos jovens e crianças. É fácil eles pularem fora da igreja, mas sem os fortes braços do amor para alcançá-los, sem corações dispostos a perdoar seu passado, não podem voltar ao barco.

Sua luta pode nos incomodar enquanto os observamos de nossa posição segura. Muitas das suas extravagâncias, durante esse tempo, podem nos desencorajar de tal maneira que nos esquecemos de buscá-los, e permanecemos sentados olhando-os e criticando-os em suas lutas.

Mas Jesus nos incentivou e advertiu quanto à necessidade de cuidar dos pequeninos, através do Seu ministério. Ele não mediu o valor humano pela altura, pelo tamanho ou peso de uma pessoa. Os pequeninos seres são preciosas jóias do Seu reino. É muito importante que os recursos, talentos e tempo, em nossa Igreja, sejam empregados em burilá-las devidamente. ☆

O pastor como líder

LUKA TAMBAYA DANIEL

*Presidente da Divisão África-Oceano
Índico da Igreja Adventista
do Sétimo Dia*



Divulgação

Conforme disse Shakespeare, “algumas pessoas nascem grandes, algumas conquistam a grandeza, e outras têm a grandeza concedida a elas”. Qualquer que seja a maneira pela qual nos tornamos líderes, o desafio permanece: tornar essa liderança eficaz. E em nenhum outro lugar a eficácia na liderança deve ser mais concreta do que na Igreja.

Tudo o que nós fazemos deve ter um propósito – um plano, um alvo, um objetivo. Se falharmos em planejar, planejamos para falhar. De Daniel, lemos que ele “resolveu firmemente não contaminar-se...” (Dan. 1:8). Isso significa ter determinação e propósito. Em liderança, é necessário ter propósito e determinação para alcançar os alvos propostos. O que é uma liderança com propósito? Aqui estão sete pontos que a identificam:

Liderança que serve

Não espere ser servido, mas sirva! Jesus lavou os pés dos discípulos antes que eles compreendessem que deveriam lavar Seus pés. Então foram desafiados a lavar os pés uns dos outros (João 13:14).

Um presidente de Campo foi procurado pelo pastor de uma congregação, em busca de ajuda para resolver um problema. O presidente perguntou qual era a questão, e o pastor explicou que um dos seus auxiliares não queria limpar o batistério que deveria estar cheio para o batismo no sábado seguinte. Depois de ouvir a reclamação, o presidente sugeriu que ambos se encontrassem com o dito auxiliar, no templo. Ao chegarem, o presidente tirou seu paletó e gravata, arregaçou as mangas da camisa, entrou no tanque e começou a

limpá-lo. Imediatamente, o pastor da igreja e seu auxiliar o seguiram no trabalho de limpeza do batistério.

Ninguém quer ser manipulado ou controlado. Ninguém quer ser mandado. Todas as pessoas preferem ser lideradas ao invés de chefiadas. E liderar é pastorear “o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho”. (1 Ped. 5:2 e 3).

Liderança justa

Aparentemente, a idéia de uma liderança justa e transparente é o que Salomão tinha em mente ao dizer que “com justiça se estabelece o trono” (Prov. 16:12). Na liderança cristã não existe espaço para autocracia, tirania e vingança. No entanto, quão frequentemente recebemos queixas a respeito de líderes de igrejas que são ditatoriais, demonstrando pouca apreciação pela justiça e retidão. Se toda autoridade é um “ministro” de Deus, por Ele ordenado (Rom. 13:1-4), então sua responsabilidade é tanto castigar “os malfiteiros, como para louvar dos que praticam o bem” (1 Ped. 2:14).

Mesmo a punição deve ser temperada com misericórdia e compaixão, com o propósito de redimir, e não destruir o indivíduo. Em qualquer caso, quando somos justos e retos, a tendência para ser vingativos e autocráticos é diminuída. Assim, a liderança eficaz deve garantir a prática da justiça.

Mesmo quando todas as coisas são administradas com imparcialidade, há o perigo de que a justiça seja deteriorada em

corrupção, se não for equilibrada com misericórdia. Saul planejou matar Davi duas vezes e perdeu as duas oportunidades. Duas vezes Davi teve chance de descarregar sua vingança contra Saul, mas ele mostrou a marca da verdadeira liderança quando resistiu à tentação de fazê-lo. Os fariseus condenaram uma mulher apanhada em adultério, mas Jesus Cristo perdoou-a com a advertência de que ela não pecasse mais (João 8:11). Nesse processo o Mestre salvou uma alma. É verdade, sempre, que “a misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tiago 2:13).

Liderança que motiva pelo amor

Se você ama seu trabalho, você invariavelmente planejará bem e conquistará resultados positivos. Se você ama o povo, você o guiará como um líder eficaz. A figura do pastor de ovelhas, tão comum na Bíblia, ilustra a guia baseada no amor dos ministros sobre seus respectivos rebanhos. Um líder cristão não apenas busca a ovelha perdida, mas vai ao extremo de dar a sua vida para salvá-la. Jesus é o “Bom Pastor”. Devido ao Seu amor pelas ovelhas, Ele as nutre, vai à sua frente, e está pronto a morrer para salvá-la. Aliás, já fez isso no passado.

Semelhantemente, somos chamados para pastorear com amor as ovelhas pelas quais Ele deu a vida.

Liderança que pede conselhos

A liderança eficaz dá valor ao aconselhamento (Prov. 20:18) e rejeita o confronto. Entretanto, buscar conselhos é uma coisa; e aceitá-lo é outra coisa diferente. Consideremos o exemplo de Roboão, o filho de Salomão. O jovem rei buscou conselho de pessoas idosas e jovens em Israel. Os anciãos o advertiram para aliviar o jugo dos seus súditos. Provavelmente eles queriam que o rei reduzisse o peso dos impostos que seu pai estabelecera sobre eles, a fim de sustentar seu regime altamente caro (I Reis 12:4, 10 e 11). Por sua vez, os jovens amigos do rei aconselharam-no a tornar o jugo ainda mais pesado.

O rei seguiu o último conselho, o que resultou em rebelião e secessão de dez tribos, deixando-o apenas com as tribos de Judá e Benjamim (I Reis 12:20 e 21) – um desastre que significou uma praga para a história de Israel por séculos. Quão verdadeiro é o conselho do sábio: “Não havendo sábia direção, cai o povo, mas na multidão de conselheiros há segurança.” (Prov. 11:14).

Liderança partilhada

Como um típico pioneiro, Moisés assistia ao povo “desde a manhã até ao pôr-do-sol” (Êxo. 18:13). O resultado foi que o grande líder acabou cansado e estressado, tendo dificuldades para continuar focalizando os grandes objetivos à sua frente. Felizmente, ele contava com um sábio conselheiro. Jetro, seu sogro, instruiu-o no sentido de suavizar a carga partilhando seus deveres com outros líderes. Ele advertiu Moisés de que a alternativa centralizadora o desanimaria e traria conseqüências trágicas ao povo. Moisés atendeu o conselho e tornou-se capaz de liderar Israel através de muitas crises, num período de quarenta anos.

Na liderança
cristã não
existe espaço
para autocracia,
tiranía e
vingança.

Tiago White não era tão responsivo a conselhos. Ellen White escreveu: “Meu esposo pensava ser errado para ele gastar tempo em prazeres sociais. Ele não se esforçava para descansar. Pensava que o trabalho no escritório seria prejudicado sem a sua presença. Mas depois de ser golpeado, sofrendo prostração física e mental, o trabalho teve de ser conduzido sem ele.” (*Testimonies*, vol. 1, pág. 519).

Estamos nós, administradores, secretários departamentais e pastores, ouvindo isso? Vamos devagar, caros pastores, quando há dezenas de lares para serem visitados, funeral a realizar, reunião de oração para freqüentar e comissões para serem conduzidas – num só dia. Aprendam a partilhar sua liderança com outros. Depois de tudo, na correria desenfreada, você pode estar tentando resolver problemas conjugais de outras pessoas enquanto sua ausência freqüente no lar coloca em risco o

seu próprio casamento. Você pode estar ocupado em aconselhar o jovem delinqüente, filho de um dos irmãos, enquanto seu filho pode estar nas ruas, sem você. Vá com calma, e partilhe a liderança.

Partilhar a liderança também ajuda a preparar sucessores. Foi assim que Moisés treinou Josué, com grandes dividendos. Você pode não levar seu rebanho à terra prometida, mas pelo menos terá capacitado muitos Josués para atravessar o Jordão e rodear Jericó em direção ao prometido reino. O que é mais importante? Grudar-se na cadeira do poder político ou eclesiástico e perder o reino, ou abrir caminho para que jovens e criativos líderes tomem o manto do ministério?

Liderança responsável

Quarenta dias depois de tomar as rédeas da liderança de Israel, Arão, levou o povo para cultivar um bezerro de ouro. Questionado por Moisés, ele rapidamente culpou “o povo” (Êxo. 32:22). Semelhantemente, quando Samuel desafiou Saul por não haver cumprido a ordem do Senhor para destruir os amalequitas e todos os seus pertences, o rei culpou “o povo” (I Sam. 15:15).

Líderes como Arão e Saul, que acham conveniente transferir a culpa de suas falhas para outros, não são líderes eficazes. Líderes de sucesso passam apenas o bastão. Eles são responsáveis por seus atos.

Liderança pelo exemplo

“Faça o que eu digo, não o que eu faço” é o estilo mantido por alguns líderes. Mas esse tipo de liderança está condenado ao fracasso. Aqui estão as palavras de Paulo, o grande líder: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco.” (Fil. 4:9). Como líderes, nossa palavra deve ser verdadeira e crível. Nossa liderança deve manifestar ações altruístas de amor, cuidado, compaixão, e impecável caráter.

Um líder deve ser um exemplo de paciência e domínio próprio. Diz Salomão: “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade.” (Prov. 16:32). E Paulo aconselhou Timóteo: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza.” (I Tim. 4:12)

Finalmente, é imprescindível atentar para seu conselho dirigido aos coríntios: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.” (I Cor. 11:). ☆

A linguagem dos serviços religiosos

CLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA

*Professora de Lingüística
na Universidade Federal de Sergipe,
Brasil*



Divulgação

No processo de comunicação, a linguagem desempenha um papel fundamental através de suas funções. E quando falamos de funções da linguagem, estamos querendo nos referir à razão da existência de cada mensagem utilizada na comunicação. Neste artigo, temos como objetivo relacionar as funções da linguagem às diversas situações de comunicação que acontecem nos serviços religiosos.

Ninguém fala sem ter um objetivo em mente, e nisso reside a própria essência do processo comunicativo. Somos seres sociais, existimos na sociedade e nos comunicamos para mantê-la funcionando. E quando os seres sociais comunicam suas mensagens através da linguagem falada ou escrita estão associando-as a diversas funções. Na verdade, segundo Jakobson, para cada elemento da comunicação (emissor, destinatário, referente, código, canal e mensagem), se faz corresponder uma função da linguagem: emotiva, conativa/apelativa, referencial, metalingüística, fática e poética.

É preponderante sabermos que as funções da linguagem não aparecem individualmente na mensagem. Sempre encontraremos mais de uma delas. Nossa tarefa é a de apenas julgar ou identificar a que está sobressaindo, ou mesmo reconhecer que duas ou mais podem ter força equitativa no texto ou no discurso.

Função emotiva

Essa função está centrada no emissor. Através dela, ele expõe seus sentimentos, emite seu juízo de valor sobre coisas e pessoas. Implica uma forma subjetiva no uso da linguagem. O emissor sente neces-

sidade de extravasar seus sentimentos, o que está inquietando o seu "eu" interior. É uma função que pode ser bem verificada durante os cultos de oração, momentos de gratidão, ou de confraternização.

Em tais ocasiões, os membros da igreja têm a oportunidade de pedir e agradecer. São momentos solenes quando o interior se encontra com o exterior, através das palavras. São também momentos em que o humano reconhece sua dependência e, por isso, alcança o Divino. O mesmo se estende aos momentos de confraternização que ocorrem na nova versão da Escola Sabatina. É a igreja reconhecendo a necessidade que têm os seres humanos de expressar seus sentimentos, de fazer expor suas angústias e alegrias.

Função apelativa/conativa

A palavra conativa é derivada do termo latino *conatum*. Significa tentar influenciar alguém através de um esforço. A persuasão é uma característica forte da mensagem com essa função. Tem como objetivo influenciar o comportamento do destinatário. Como explica Ulisses Infante, "no processo de elaboração de um texto, sempre se consideram as características de seu receptor. Isso significa que todo emissor, ao produzir uma mensagem, faz um esforço no sentido de adaptá-la às características sociais e psicológicas de quem vai receber. Portanto, podemos afirmar que todo texto traz, de uma forma ou de outra, manifestações da função conativa da linguagem".¹

Nos estudos bíblicos ou nas campanhas evangelísticas, temos como alvo maior conseguir mais adeptos, através de

uma linguagem argumentativa e persuasiva. E esses novos discípulos mudam de comportamento e de atitude, influenciados pelo poder da Palavra.

Através de sermões, os membros são reorientados, alimentados e instruídos para que sempre tomem decisões corretas. São chamados ao arrependimento de algum pecado, ao abandono de alguma prática que pode ser prejudicial à sua vida. É a força da linguagem persuasiva e argumentativa, influenciando comportamentos e atitudes.

Função referencial

Essa função está centrada no referente, ou seja, no objeto ou situação de que trata uma mensagem. Existe a preocupação de informar sobre a realidade. O objetivo é transmitir informações; por isso, a linguagem é impessoal, objetiva, denotativa. É uma linguagem que busca uma relação mais direta entre a palavra e o objeto.

Primeiramente apresentamos os dados; o que existe sobre o referente, para depois argumentar com base na informação fornecida. Os destinatários recebem as informações doutrinárias e, a partir do conhecimento, tomam decisões, fazendo mudanças na vida.

Em nossas igrejas, o papel das notícias orais ou escritas é fundamental. Por meio delas compartilhamos das mesmas alegrias pelo sucesso uns dos outros, ou nos irmanamos para enfrentar e vencer desafios. Às vezes é uma notícia sobre um programa bem-sucedido; ou simplesmente um convite para nos envolvermos em algum projeto comunitário. A igreja também se move através da função referencial.

É comum termos igualmente palestras nos programas de jovens, ou em encontros específicos de casais, adolescentes, etc. Nessas ocasiões, a função referencial é importante, considerando seu objetivo de transmitir informações sobre assuntos solicitados ou sugeridos.

Função metalingüística

O trato do código é o ponto chave dessa função. Quando nos utilizamos do código para explicar elementos próprios a ele mesmo, estamos recorrendo à função metalingüística. "Consiste numa recodifica-

ção e passa a existir quando a linguagem fala dela mesma. Serve para verificar se emissor e receptor estão usando o mesmo repertório."²

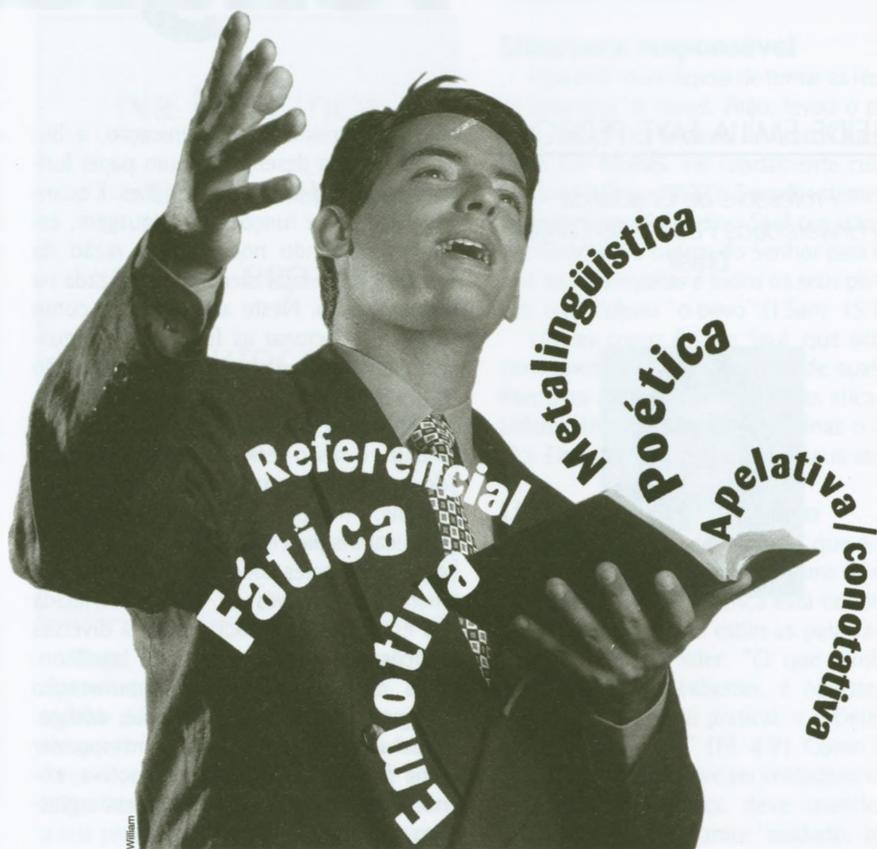
Segundo Castim, "a função metalingüística pressupõe uma língua-objeto, aquela que é objeto da descrição, e uma metalinguagem, aquela que traduz a língua-objeto ou a mensagem codificada na língua-objeto".³

Os cultos de domingo e as classes bíblicas têm como objetivo primeiro fazer uma metalinguagem da Bíblia para as visitas, pressupondo que são pessoas que não têm o hábito de ler as Sagradas Escrituras. Por isso, procuramos adaptar a lin-

e visitantes é outro exemplo da metalinguagem. Quando o palestrante trata desse assunto, geralmente recorre a várias fontes de referência, a fim de melhor abordar o tema. Desse modo, o que aparentemente era impenetrável, por causa da linguagem, torna-se compreensível. Foi através do recurso da metalinguagem que ele conseguiu traduzir as profecias para seus ouvintes.

Função fática

A função fática tem como centro o canal da comunicação ou contato, que "é o suporte físico por meio do qual a mensagem caminha do emissor ao receptor".⁴



guagem e os ensinamentos bíblicos, procurando torná-los mais facilmente compreensíveis a esses destinatários.

A Lição da Escola Sabatina, nas unidades e nas classes de professores, é mais um exemplo de função metalingüística. O papel do professor é discutir com a classe, atento às suas dúvidas. Ai ele tem a tarefa de transformar a linguagem da lição tornando-a adequada à linguagem dos alunos, principalmente se sua classe é constituída de pessoas com pouca escolaridade.

O estudo das profecias para membros

Essa é a função pela qual os seres humanos mantêm o contato. Visa estabelecer, manter ou interromper o processo comunicativo. O objetivo é testar o canal, ou melhor, a própria comunicação.

Não há um serviço religioso específico no qual essa função seja destacada. Na realidade, todas as vezes em que o palestrante procura certificar-se de que a congregação está entendendo o que ele está explicando, acontece a função fática. Outro momento importante é quando nos cumprimentamos desejando-nos mutuamente um "feliz sábado!", ou "boa sema-

na!” Nesse caso também podemos acrescentar a linguagem dos gestos: um abraço, um aperto de mão, etc.

Função poética

O centro da função poética é a mensagem, ou seja, a forma como a linguagem é trabalhada. São explorados os recursos estilísticos, figuras de linguagem, ritmo, rima, som e grafia. “O que primeiramente se mostra, podemos assim dizer, é a realidade da palavra, no que ela tem de concreto.”⁵ Essa função pode ser observada na prosa e na poesia. Ela é identificada sempre que a forma e a estrutura da mensagem reforçam ou modificam o conteúdo veiculado por essa mensagem. Nela predominam a conotação e o subjetivismo.

Como negar a beleza poética dos hinos que fazem parte dos nossos cultos, sejam eles cantados pela congregação, por conjuntos, quartetos, trios, duetos, ou solistas? Suas palavras ecoam além das paredes dos templos e penetram nos lares da vizinhança. Sua musicalidade transcende a Terra e busca o majestoso trono de Deus; e os sagrados ouvidos Se deleitam com o louvor, mesmo imperfeito, de Seus filhos.

Basta lembrar alguns conhecidos hinos:

“Se ao caminhar por campos e florestas, escuto as aves belas a cantar; se estendo o olhar do alto da montanha, e a fonte além eu ouço a murmurar...” (34 HASD)

“Eu quisera andar com Cristo, sobre o mar da Galiléia; ao Seu lado pela Judéia, partilhar da celestial missão.” (57 HASD)

“Lindo és meu Mestre, Rei do Céu, da Terra! Ó homem-Deus, Senhor Jesus! Teu é o reino, é Tua a honra, és minha glória e minha luz.” (85 HASD)

“Jesus é mais puro que a linda flor, Jesus é o Sol da justiça e do amor. Jesus é a fonte que satisfaz, caminho do bem, verdade e paz.” (91 HASD)

“Foi amor, quando Deus aqui neste mundo vil homem Se tornou. Foi amor, quando meu bom Deus carpinteiro foi, quando aqui andou!” (115 HASD)

“Deus sabe o que vai dentro d’alma, Deus ouve a oração suplicante, Deus vê sua angústia e o acalma, Deus faz de você um gigante. Deus sabe o que vai dentro d’alma, Deus ouve a oração suplicante...” (500 HASD)

“Sob Suas asas estou descansando, inunda que noite, confiante eu estou; sob Suas asas vou sempre abrigado, fui redimido e Seu filho já sou.” (357 HASD)

“Lindo país! Eu vejo a brisa mansa aca-

riar campinas e jardins. E embalar as palmas prateadas dos perfumados vales com jasmims. E quando o sol se põe no horizonte, eu julgo ver em sonhos este lar...” (571 HASD).

Os salmos têm um lugar *vip* na vida dos cristãos. Eles são buscados em momentos de dor, alegria, esperança, desespero, vitórias, revezes, dificuldades e facilidades. Como viver sem a beleza, o consolo e as palavras de vida dos salmos?

Eis algumas destas jóias das Escrituras: “Ele [o homem justo] é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha.” (Salmo 1)

“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das Suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a Terra se faz ouvir a Sua voz, e as Suas palavras até os confins do mundo...” (Salmo 19)

“Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo... As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite... por que estás abatida, ó minha alma?... Espera em Deus...” (Salmo 42)

“Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face? Se subo aos Céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a Tua mão... Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não Te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa. Pois Tu formaste o meu interior, Tu me teceste no seio de minha mãe... Os Teus olhos me viram a substância ainda informe...” (Salmo 139)

As comparações feitas tanto nos hinos como nos salmos suscitam em nossa mente imagens subliminares: “Jesus é mais puro que a linda flor”; “Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas” e outras imagens continuam de maneira metafórica, através de expressões tais como “fruto”, “folhagem”, ou “como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma”. As criações metafóricas são irresistíveis: “Jesus é o Sol da justiça”; “Jesus é a fonte que satisfaz”; “palmas prateadas”; “asas da alvorada”.

As personificações nos evocam quadros mentais belíssimos. Quando cantamos “E a fonte ali eu ouço a murmurar”, ou ainda “Eu vejo a brisa mansa acariciar campinas e jardins, e embalar as palmas prateadas”, até parece que nos encontramos nessas campinas, junto a uma fonte sendo acariciados e embalados pela brisa mansa.

O jogo sibilante das consoantes no hino “Sob Suas asas” remete a nossos ouvidos o som das asas em movimento. O amor é cantado na sua forma mais gloriosa: “Foi amor, quando Deus desceu...” É o maior amor, o amor eterno.

A anáfora construída com a palavra Deus, no hino 500, nos faz sentir Sua presença constante em nossa vida, bem como ressalta Seus atributos tão diligentemente e enfaticamente negados por muitos: “Deus sabe, Deus ouve, Deus vê, Deus faz...”

É interessante notar o paradoxo do belíssimo texto, procurando explicitar a afinidade profunda entre idéias contraditórias: “Não há linguagem, nem há palavras, e deles [céus, firmamento, dia e noite] não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a Terra se faz ouvir a Sua voz e as Suas palavras até os confins do mundo.” Como conseguir ouvir a voz e as palavras do que não tem palavras ou som? “As trevas e a luz são a mesma coisa.” Só um Deus todo-poderoso seria capaz de juntar campos semânticos tão distantes como trevas e luz.

No Salmo 139, o salmista trabalha ainda com as antíteses, para comprovar o cuidado de Deus: “Se subo aos Céus... se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás... Se tomo as asas da alvorada [surgimento, presença] e me detenho nos confins dos mares [esconderijo, presença invisível], ainda lá me haverá de guiar a Tua mão... Se eu digo: as trevas... me encobrirão e a luz ao redor de mim...”

É assim que Deus Se comunica, com beleza e precisão. E nos oferece um programa comunicativo, que atende a todas as situações exigidas socialmente. ☆

Referências:

- 1 Ulisses Infante, Do Texto ao Texto: Curso Prático de leitura e Redação (São Paulo, SP: Editora Scipione, 1994), pág. 160.
- 2 Dileta Silveira Martins e Lúbia Scliar Zilberknop, Português Instrumental (Porto Alegre, RS: Editora Sagra, 1997), pág. 31.
- 3 Fernando Castum, Teoria da Linguagem (Recife, PE: Fasa, 1994), pág. 24.
- 4 Ulisses Infante, Op. Cit., pág. 170.
- 5 Samira Chalhub, Funções da Linguagem (São Paulo, SP: Editora Ática, 1991), pág. 34.

O remanescente e os dissidentes

AMIN A. RODOR

*Th.D., professor de Teologia,
pastor da igreja adventista
portuguesa em Toronto, Canadá*



Divulgação

Qualquer pessoa, mesmo portadora de conhecimento superficial da história adventista, pode identificar a falta de originalidade que caracteriza os métodos utilizados por aqueles que se opõem ao adventismo atualmente. O panfletismo, a propaganda negra e o terrorismo verbal continuam sendo o maior trunfo. Deploravelmente, tais ataques são dirigidos para uma audiência mais vulnerável, composta daqueles cuja incredulidade é excedida apenas pela incapacidade de discernir.

A tentativa não é levar o evangelho aos que estão fora do círculo de Cristo. O esforço maior não é expandir o reino de Deus, em cumprimento da grande comissão evangélica. O que consome as energias e se converte na obsessão dos reformadores equivocados, é “pescar dentro do aquário”. Envenenar outros irmãos mais frágeis, na própria igreja, com a divulgação de um “evangelho” ao reverso, constituído de más novas, das faltas e escândalos – imaginários, exagerados ou reais – envolvendo pastores, líderes e instituições.

O alvo deste *friendly fire*, são aqueles irmãos que mais facilmente podem ser levados a se scandalizar e passar a ver com suspeita a Igreja e seus líderes. A expressão *friendly fire* (fogo amigo) é um nome irônico dado às baixas causadas entre combatentes que lutam do mesmo lado. Por ignorância, falha humana ou técnica, ou pouca visibilidade, os disparos alvejam companheiros do mesmo exército. Na guerra do Golfo, segundo informações de que dispomos, um quarto de todas as baixas no exército americano foram causadas por soldados americanos.

Se o método não é novo, também não é novo o espírito da empreitada. Os precedentes históricos têm raízes de larga

abrangência. Em tempos imemoriais, eles incluem os belicosos amalequitas, a ofensiva tribo que, embora contra-parente dos israelitas, no caminho de Canaã, colocou-se na retaguarda, quando Israel “ia cansado e afadigado” (Deut. 25:17 e 18), e impiedosamente causou trágicas baixas entre os mais indefesos e fracos. Em tempos mais recentes, há aproximadamente 40 anos, Francis D. Nichol, então editor da *Review and Herald*, publicou uma série de artigos expondo os vários grupos independentes da época, buscando seguidores entre irmãos adventistas. As acusações feitas pelos dissidentes de então, o método e a estratégia, em nada diferem daquilo que estamos presenciando hoje, nos jornais, panfletos, revistas, cartas circulares, livros e tapes dos “amalequitas” modernos. Os nomes mudaram; mas, de resto, pouco mudou.

O que torna os dissidentes atuais um tanto mais “eficientes” e multiplica a influência deles são os recursos da tecnologia moderna à sua disposição. Qualquer pessoa hoje, com um computador e com algum conhecimento da Internet e *web-site*, facilmente encontra os canais de divulgação do seu ministério de crítica e acusação.

William Johnsson corretamente observa que “se não houvesse a Igreja Adventista do Sétimo Dia, estes [acusadores] não poderiam existir... Eles se valem da obra edificada por tantos anos de trabalho e lágrima. O termo é duro, mas adequado, assim, deixe-me dizê-lo em amor: eles são parasitas da Igreja; sobrevivendo às custas daqueles que por uma razão ou outra, foram persuadidos por suas publicações... eles sempre se apresentam em uma luz favorável, como leais, fundamentalistas, ad-

ventistas históricos. Alguns usam o título de 'pastor' embora não tenham qualquer credencial reconhecida pela Igreja. Alguns ocultam que nem mesmo são membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia...¹ É provável que nem todos esses detalhes se ajustem a todos os dissidentes, mas eles oferecem um perfil da estratégia comum.

Tudo isso é muito trágico. É deplorável mesmo, que num tempo quando mais do que nunca o corpo de Cristo deveria estar unido, o grande inimigo, o inspirador e originador de toda dissensão consiga fazer-nos diluir e malbaratar atenção e energia em questões que apenas nos desviam para os seus atalhos, bifurcações e becos sem saída. É deplorável que o manto de Cristo seja assim rasgado, como resultado, muitas vezes, de teorias infundadas, ou, outras vezes, de ressentimentos e amarguras pessoais, transportados para o nível institucional.

É trágico que o precário argumento *ad hominem* se torne a arma comum, dirigindo o ataque ao caráter do oponente, sem ouvir seus argumentos, razões ou defesa; ou que, de outra forma, apele às emoções, aos preconceitos e interesses particulares daqueles que os ouvem. E assim, o que se busca é apenas "ganhar o caso", sem qualquer respeito a princípios ou à ética cristã.

A mentalidade "antílíder", tão comum em nossa cultura, ameaça invadir a Igreja. Tal disposição, que desafia e rejeita a autoridade, deleita-se em apontar as falhas dos líderes, a ponto de os cansar e levá-los ao desânimo, com o negativismo e a "mentalidade de morcego", que apenas vê o mundo de cabeça para baixo. A falha desses analistas é não perceberem que a atitude de apontar problemas e criticar falhas está muito longe de ser sinônimo de sugerir soluções inteligentes, criativas e, sobretudo, que reflitam o espírito de Cristo.

O individualismo é o fermento cultural dos tempos. Individualismo obsessivo gera o pluralismo que, por sua vez, conduz ao relativismo. Combinadas, tais atitudes tornam a sociedade e a Igreja quase ingovernáveis, transformando a tarefa dos líderes em algo virtualmente impossível. Vivemos nos dias da cultura centralizada no eu. Como indica William Johnsson, "meus prazeres, aquilo que eu gosto, aquilo que eu não gosto, minha gratificação pessoal governa o tempo em que vivemos. Esqueça-se do futuro... Esqueça-se quem vai pagar depois, esqueça-se das regras, esqueça-se de Deus. Não ouse atra-

vessar no meu caminho.' Se me parecer bem, é isto que eu quero e agora, e é isto que eu vou conseguir".²

Essa mentalidade, entretanto, corre em direta linha de colisão com aquilo que Deus deseja realizar de belo e novo através da igreja. Enquanto Deus busca preparar um corpo universal, com uma missão universal, a idéia dos separatistas é fragmentar a igreja, dividi-la em átomos isolados sem qualquer elemento unificador. "Cada um por si", vivendo e morrendo em si mesmo, recebendo e utilizando os recursos dentro dos seus próprios limi-

Quando a graça
de Cristo irrompe
no coração,
ela fecha
o caminho do
revanchismo e da
retaliação.

tes individuais, como células cancerosas, que se independem do sistema, para o seu colapso e morte.

Aqueles que se alimentam dos escândalos explorados pelos dissidentes devem aprender duas lições fundamentais. Primeira, apenas porque alguém resolveu fazer relatos de "corrupção", "imoralidade" ou coisa do gênero, não significa que tais notícias sejam verdadeiras. Devemos lembrar, ainda, que mesmo que as informações sejam verídicas, elas não representam a Igreja Adventista ou o ministério adventista. Devemos ter em mente ainda que o ânimo cristão não deve deixar-se apagar por causa dos maus exemplos de alguns, não importa quem sejam eles. Os cristãos não seguem a outros cristãos mas a Cristo.

Segunda lição a ser aprendida, os que recebem o bombardeio da propaganda dissidente devem estar conscientes de que aqueles que se regozijam com as falhas dos outros, de alguma forma se esqueceram da instrução bibli-

ca: "o amor não se alegra com a injustiça..." (1 Cor. 13:6).

É fácil levantar o dedo acusador, espalhar as falhas alheias, fabricando-as ou exagerando-as maliciosamente, muitas vezes sob o pretexto de "defesa da verdade". Difícil é construir, é erguer pessoas. Mas é precisamente isso que Deus espera dos filhos do Reino. Quando a graça de Cristo irrompe no coração, ela transforma a esfera dos relacionamentos humanos; torna-nos mais humanos, misericordiosos e pacificadores. Cristo não deixou aberto para os Seus discípulos o caminho do revanchismo e da retaliação. Seu exemplo fechou para sempre tal avenida, indicando-nos que os cristãos alcancem reformas profundas quando eles agem como "sal e luz". A justiça deles não é vista em termos de escrupulosidade semelhante à dos escribas e fariseus.

Os males da Igreja e na vida dos seus ministros já são em si mesmos escabrosos o suficiente, e não necessitam de maior divulgação. De fato, expô-los pode parecer às vezes politicamente correto, mas dificilmente é algo de natureza cristã. Com extraordinária percepção, Ellen White aconselha que "[os males encontrados na Igreja] são mais para serem deplorados do que acusados"³. Em outro texto, ela afirma: "Desviái vossos olhos do que é escuro e desanimador, e contemplai a Jesus, o nosso grande Líder."⁴

Os que se escandalizam com as falhas de líderes estão sugerindo que eles mesmos nunca leram a Bíblia. O testemunho bíblico não deixa qualquer dúvida de que o povo de Deus e seus líderes, tanto no Antigo como no Novo Testamento, constantemente falharam em viver os ideais divinos para eles. O refrão sobre os reis de Israel, representantes diretos de Deus, no sentido de que "fizeram o que era mal aos olhos do Senhor", se repete constantemente na narrativa bíblica. Os escritos de Ellen White têm muito a dizer sobre problemas nos primórdios da Igreja em Battle Creek.

Aqueles que têm qualquer dúvida quanto à existência de pecados entre o povo de Deus devem ler cuidadosamente a primeira carta de Paulo aos coríntios. Leiam o próprio registro dos heróis da fé, em Hebreus 11, e sem dúvida concluirão que o único herói da Igreja é Jesus Cristo, que apela, aceita e transforma a vida dos faltosos sem se desanimar deles e sem publicar a lista dos seus pecados.

Robert Spangler, um dos mais dignos e respeitados representantes do ministério

adventista, foi por muitos anos editor de *Ministry*. Faleceu, não faz muito tempo, num trágico acidente automobilístico, numa das estradas de Los Angeles. Num livro, que foi publicado depois de sua morte, ele descreve com extraordinário candor seus próprios sentimentos no início de seu ministério. Suas palavras, que constituem o testemunho de um pastor a outros pastores, são permeadas por uma aura de indizível tristeza. Diz ele:

"Ao permitir-nos transitar através do vale do vinagre, a doçura daquilo que Cristo está realizando por meio da Sua Igreja passa despercebida. A mente vê aquilo em que foi treinada a permanecer. Malícia, ceticismo e cinismo são males difíceis de serem vencidos. Com tristeza, eu confesso que no início do meu ministério alimentei-me das faltas dos líderes da Igreja. Lembro-me de uma carta hostil que escrevi ao meu velho amigo F. D. Nichol. Sua doce resposta desarmou-me completamente. Aquilo que eu tentava demonstrar não estava completamente errado, mas errados estavam meu espírito e atitude.

"Na medida em que os anos se passaram, encontrei-me alimentando-me mais e mais dos problemas da Igreja. Não os criticava publicamente, mas em meu coração descobria um afastamento dos meus irmãos, que me deixava vazio. Meu relacionamento com Jesus Cristo tornou-se extremamente frágil. As devoções pessoais eram freqüentemente interrompidas por irritações sobre algo que eu sabia estar acontecendo na Igreja. O dia chegou quando concluí que minha alma estava em perigo. Eu estava construindo barreiras entre meu próprio coração, os outros obreiros e o meu Deus. Gradualmente, através da ajuda do Senhor, aprendi a buscar o bem e o melhor. Ainda tenho um longo caminho a percorrer, mas agradeço a Deus pela direção na qual Ele tem estado a guiar-me."⁵

Inquestionavelmente, a Igreja tem problemas e líderes cometem faltas que necessitam ser reconhecidas e resolvidas. Consultada quanto ao uso incorreto de dízimos e ofertas, por líderes da Igreja, Ellen White sugeriu três princípios básicos para se tratar com essa e outras distorções: "Façais a vossa queixa de maneira clara e aberta, no espírito correto, e às pessoas certas. Mas não vos afasteis da obra de Deus, provando-vos infiéis, porque outros não estão agindo corretamente."⁶

Portanto se, por um lado, os cristãos



não recorrem à conveniência do silêncio, por outro lado, o fórum para a discussão de problemas na vida da Igreja não é o recurso das circulares, dos jornais e cartas anônimas. A solução desses males não é encontrada na semeadura do cinismo, da crítica e da incredulidade. Tal atitude violenta a experiência espiritual daqueles que devotam seu talento e energia a esse propósito.

Devemos nos lembrar também das outras vítimas. Profundas impressões são feitas na mente daqueles que ouvem e lêem tais relatórios. Questões são suscitadas e dúvidas fortalecidas. E, afinal, quem responderá por aqueles que foram desencorajados e ficaram pelo caminho?

Pelos que foram desviados por aqueles que não foram responsáveis no uso da sua influência? Quem poderá erradicar o veneno que foi neles injetado?

Ellen White não teve qualquer ilusão quanto à humanidade e natureza caída daqueles que formam a Igreja. Em sua fase militante, o corpo de Cristo é freqüentemente maculado pela poeira da caminhada. Entretanto, o otimismo da voz profética é inabalável: "Embora existam males na Igreja, e tenham de existir até ao fim do mundo, a Igreja destes últimos dias há de ser a luz do mundo poluído e desmoralizado pelo pecado. A Igreja, dé-



bil e defeituosa, precisando ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objeto na Terra, ao qual Cristo confere Sua suprema consideração.”⁷

Sem provisão teológica

Um último aspecto deve ainda ser abordado em nossa discussão. Para fechar o círculo deste artigo, retornamos à questão inicial do remanescente. Aqueles melhor orientados teologicamente podem argumentar que a História revela ter sido precisamente o fracasso dos que foram originalmente chamados que provocou a necessidade do remanescente. A Israel foram feitas, sob condições, pro-

messas de que ele permaneceria como povo escolhido. Ao fracassar, Deus suscitou a Igreja cristã. Quando esta se tornou corrompida em doutrinas e práticas, Ele levantou os reformadores para se separarem e formarem o corpo protestante. Então estes também falharam em avançar na luz que lhes foi concedida, e o Senhor suscitou o movimento adventista com uma missão especial para o fim da História. O modelo é consistente: até aqui os fiéis saíram do remanescente apostatado para constituírem um novo remanescente. Quer isto dizer que o ciclo de chamado, apostasia e novo chamado continua aberto indefinidamente?

É precisamente aqui que o cenário impõe uma nova dinâmica. Obviamente esse ciclo deve ser quebrado em algum ponto; do contrário, por causa da natureza humana, ele ocorreria constantemente sem qualquer resolução final. Note-mos que o fracasso de Israel ou da própria Igreja não tomou Deus de surpresa. A antecipação divina já fizera provisão para a tragédia da apostasia, tanto de Israel, da Igreja cristã, como da própria reforma protestante. Contudo, não existe qualquer provisão profética para um novo remanescente em substituição ao movimento adventista. Isso é evidente no Apocalipse (capítulos 3 e 12). Sete Igrejas, e não mais, simbolizam a trajetória da Igreja através da Era Cristã. Laodicéia, a Igreja morna, o povo do juízo, com todos os seus defeitos e fraquezas, fecha o círculo. Qualquer outra conclusão significa estar em descompasso com o tambor da revelação.

Então, como tratará Deus com os problemas da Igreja, se não há provisão profética para um remanescente do remanescente? Para embaraço dos dissidentes, Deus introduz aqui uma nova estratégia. O Senhor claramente delineou como Ele há de administrar a crise final da Igreja, mas Sua agenda, devemos entender, não inclui a probabilidade de um novo movimento separando-se dela. No passado, como foi visto, o chamado foi para que os fiéis se separassem do corpo apostatado. Mas, esse processo, repetimos, não pode continuar indefinidamente. Nas cenas finais da História, ao contrário das reformas tradicionais, são os infiéis, não os fiéis, que deixarão a Igreja. A sacudidura tomará o lugar do clássico chamado para sair. Esses dois métodos de separação devem ser claramente diferenciados e entendidos.

“Haverá uma sacudidura [peneiramen-

to]. A palha deve, no tempo certo, ser separada do trigo. Porque a iniquidade aumenta, o amor de muitos se esfria. Este é precisamente o tempo quando o genuíno deverá ser mais forte.”⁸

Qual o resultado final desse peneiramento? A palha, representando os infiéis e insinceros que presentemente são encontrados na Igreja, será separada do trigo, símbolo dos cristãos genuínos. O grupo classificado como “morno” (Apoc. 3:15 e 16), para constrangimento da Igreja, presente hoje em Laodicéia, há então de desaparecer para sempre, quer identificando-se com o “quente”, ou assumindo o grupo dos “frios”. A polarização é inevitável, e não poderia ser diferente.

Como um ato de sabotagem, o inimigo traz o joio para dentro da Igreja (Mat. 13:24-30, 36-43). “Enquanto o Senhor traz para a Igreja aqueles que são verdadeiramente conversos, Satanás, ao mesmo tempo, traz pessoas que não são verdadeiramente convertidas para a sua [da Igreja] comunhão.”⁹ Contudo, como Ellen White indica, esse estado de coisas há de sofrer uma alteração radical: “A sacudidura deve em breve acontecer para purificar a igreja.”¹⁰

Quem são os que deixarão a Igreja, sob a ação da sacudidura, identificados de forma geral sob as figuras do “joio”, “palha” e “mornos”? Ellen White, em seus vários escritos sugere uma ampla identificação: “os auto-enganados”, “os descuidados e indiferentes”, “os ambiciosos e egoístas”, “os que se recusam a sacrificar”, “os orientados pelo mundanismo”, “os que transigem e comprometem a verdade”, “os desobedientes”, “os invejosos e críticos”. “os fuxiqueiros, os que acusam e condenam”, “a classe conservadora superficial”, “os que não controlam o apetite”, “aqueles que promovem a desunião”, “os estudantes superficiais da Bíblia”, “aqueles que perderam a fé no dom profético”.¹¹

Aqui, dois fatos são evidentes: primeiro, a ampla variedade do catálogo; e, segundo, todas as categorias estão hoje representadas na Igreja.

Ellen White estabelece ainda uma clara convergência entre esses dois aspectos, observando que, “ao aproximar-se a tempestade, uma classe numerosa que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência á verdade, abandona sua posição, passando para as fileiras do adversário”.¹²

Novamente, a ênfase é colocada no fa-

to de que são os infieis que abandonarão a Igreja: "Logo o povo de Deus será testado por severas provações e uma grande proporção daqueles que agora parecem ser genuínos e verdadeiros, provar-se-á metal inútil. Em lugar de serem fortalecidos e confirmados pela oposição, ameaças e abusos, eles, covardemente, tomarão o lado dos oponentes. ... Permanecer em defesa da verdade e da justiça – quando a maioria nos há de abandonar – para lutar as batalhas do Senhor, quando os campeões serão poucos, esse será o nosso teste. Neste tempo devemos tirar calor da frieza de outros, coragem da covardia deles, e lealdade de sua traição."¹³

A purificação da Igreja virá no tempo indicado, mas não através das reformas e reformulações inventadas e promulgadas pelos dissidentes. A Igreja será purificada afinal, mas o movimento será precisamente o inverso daquilo que aconteceu ao longo dos desdobramentos da História. Sairão os insinceros, enquanto os fiéis permanecerão na comunhão da Igreja. E exatamente por isso, não há provisão divina para um novo remanescente. Aqueles que hoje buscam pureza eclesíastica através da crítica e da acusação, e finalmente se afastam do corpo remanescente de Cristo, cometem um colossal erro de cálculo.

Enquanto aguardamos a resolução final da História e a purificação da Igreja, devemos nos lembrar de que "Deus não deu a nenhum dos Seus servos a obra de punir aqueles que não dão ouvidos às Suas advertências e reprovações. Quando o Espírito Santo habita no coração, Ele guiará o agente humano a ver os seus próprios defeitos de caráter, a ter piedade das fraquezas dos outros, a perdoar como ele deseja ser perdoado. Será misericordioso, cortês e semelhante a Cristo".¹⁴

Vitória assegurada

O caráter não é construído nas crises, mas é revelado por elas. Os frutos continuam sendo o grande teste da natureza da árvore e, certamente, se o Senhor não pode mudar-nos o caráter, dificilmente Ele poderá mudar nosso destino final. Cada dia, nossa submissão ou rebelião à voz do Espírito está definindo as formas de nossa construção eterna. Ninguém precisa ser enganado pelas aparências. "Quando homens se levantam pretendendo ter uma mensagem de Deus, mas em vez de combaterem contra os principados e potestades, e os príncipes das trevas deste mundo, eles formam um fal-

so esquadrão, virando as armas da guerra contra a igreja militante, tende medo deles. Não possuem as credenciais divinas. Deus não lhes deu tal responsabilidade no trabalho."¹⁵

Falhará a Igreja? Independente de como os críticos e analistas do negativismo percebem a condição do remanescente de Deus, o Senhor está no controle. Fracasso de nossa parte em crer neste fato nos levará ao desencorajamento ou ao sentimento de que necessitamos "fazer justiça" com as nossas mãos. Mas essas são tentações que devem ser resistidas. "A Igreja pode parecer quase a cair, mas ela não cairá. Ela permanece, enquanto os pecadores em Sião serão peneirados – a pa-

A garantia da igreja não reside na habilidade ou perfeição dos homens, mas na direção de Deus.

lha será separada do precioso grão. Este é um terrível processo, contudo ele deve acontecer."¹⁶

O remanescente de Deus não fracassará, mesmo quando as aparências sugerem outra conclusão. Podemos afirmar tal convicção porque ela está ancorada em quatro fatos basilares: primeiro, Cristo é o cabeça da Igreja. Isso evidentemente não nos coloca além da possibilidade de fracasso individual. Segundo, não há qualquer provisão profética para um remanescente do remanescente. Tal certeza, entretanto, não deveria levar-nos a qualquer orgulho denominacional, acomodação ou falsa segurança na prática do pecado. Ao contrário, deve conduzir-nos à crescente submissão ao Senhor da Igreja. Terceiro, as vitórias da igreja, através das crises de sua história, crises e pressões que em sua violência e poder de ataque pareceram insuperáveis, dão-nos segurança de que as crises futu-

ras serão administradas pela eficiência dAquele que não pode falhar.

Finalmente, o quadro profético do Apocalipse quanto à Igreja dos últimos dias, é esboçado em termos de vitória (Apoc. 14:1-5; 7:9, 10, 13-17). Não há nada incerto ou duvidoso quanto ao triunfo final da Igreja, ao enfrentar o mar tormentoso dos últimos eventos.

Segundo a tradição ligada ao Titanic, o navio considerado insubmergível pelo seu capitão, E. J. Smith, mas que fatalmente desceu para o seu mergulho sem retorno nas águas gélidas do Atlântico Norte, na madrugada de 15/04/1912, no domingo seguinte à tragédia, na cidade de Southampton, de onde o navio havia saído alguns dias antes, e onde viviam muitas das vítimas daquele naufrágio, um pregador americano convidado para uma campanha evangelística, pregou um poderoso sermão sob o título "O navio que não pode afundar".

O sermão, evidentemente, não era uma referência ao Titanic, mas a uma outra embarcação, de 1900 anos antes, também seriamente ameaçada pelas águas, cruzando o mar da Galiléia (Mat. 8:23-27). O único navio que não pode afundar, concluiu o pregador com extraordinário senso de propriedade, é aquele em que Cristo está presente. Essa é a única segurança da Igreja ao enfrentar a procela do mar aberto, nos instantes finais de sua jornada. Nossa garantia não se encontra na habilidade ou na perfeição dos homens, na suficiência ou na fortaleza da "embarcação", mas na presença e autoridade dAquele a quem "os ventos e o mar obedecem" (v. 27). ☆

Referências:

- 1 William G. Johnsson, *The Fragmenting of Adventism*, pág. 61; Boise, Idaho; Pacific Press Publishing Association, 1995.
- 2 *Idem*, pág. 21.
- 3 Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 513.
- 4 _____, *Conference Bulletin*, 19/05/1913, pág. 34.
- 5 Robert J. Spangler, *And Remember – Jesus is Coming Soon*, pág. 89; Associação Ministerial da Associação Geral da IASD, 1997.
- 6 Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 9, pág. 249.
- 7 _____, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 49.
- 8 _____, *Eventos Finais*, pág. 149.
- 9 Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 284.
- 10 _____, *Carta 46*, 1887, pág. 6.
- 11 Ver *Testimonies*, vol. 4, págs. 31, 89, 90 e 232; vol. 5, págs. 81, 211, 212 e 463; vol. 1, págs. 182, 187, 251 e 288; *Primeiros Escritos*, págs. 50 e 269; *The Upward Look*, pág. 122; *Review and Herald*, 08/06/1901; *Testemunhos Para Ministros*, pág. 112; *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 84.
- 12 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 608.
- 13 *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 2, pág. 1.038.
- 14 Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 136.
- 15 _____, *Testemunhos Para Ministros*, págs. 22 e 23.
- 16 _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 380.

A igreja saudável

MARCOS DE BENEDICTO

Editor da Casa Publicadora Brasileira



Divulgação

Podem algumas igrejas adventistas estar paralisadas, ou mesmo morrendo, por ignorar as características de uma igreja saudável? A resposta, infelizmente, é "sim". Mas isso não precisaria estar ocorrendo. Hoje se sabe que as oito qualidades "mágicas" das igrejas que crescem são: liderança capacitadora, ministério baseado nos dons, espiritualidade contagiante, estruturas funcionais, culto inspirador, grupos familiares, evangelismo voltado para as necessidades das pessoas e relacionamentos amoráveis.

Essas características foram reveladas por uma pesquisa feita pelo Instituto para o Desenvolvimento Natural da Igreja, da Alemanha. O projeto, desenvolvido de 1994 a 1996, seguiu critérios científicos e incluiu mil igrejas de 32 países, resultando num dos livros mais importantes dos últimos anos na área.¹ Em síntese, a pesquisa mostrou que onde existe uma interação dessas oito qualidades a igreja cresce de forma natural. Igrejas com um índice mínimo de qualidade de 65 em todos os oito valores têm 99,4% de chance de estar crescendo.²

Além disso, o estudo forneceu a base estatística para o que Christian Schwarz classifica de um novo paradigma em crescimento de igreja – a abordagem "natural" ou "biótica". "Biótico implica nada menos do que uma redescoberta das leis da vida (em grego, *bios*)", escreve o autor. "O alvo é deixar florescer o crescimento automático implantado por Deus, em vez de desperdiçar energia com programas humanos."³

Ele cita como típico exemplo da abordagem "biótica" Mateus 6:28, onde Jesus aconselha Seus ouvintes a considerar (ver,

observar, estudar, aprender, pesquisar) "como crescem os lírios do campo". A ênfase, no caso, não está na beleza dos lírios, mas no processo de crescimento ("como eles crescem").

O estudo do instituto alemão vem ganhando adeptos em muitos países. No Brasil, segundo o Pastor Walter Feckinghaus, diretor executivo da Editora Evangélica Esperança, o livro vendeu cerca de oito mil exemplares em três anos. Na Universidade Andrews, o Dr. Erich Baumgartner é um dos mais convictos adeptos da abordagem biótica. A *Seeds 99* foi organizada em torno dos princípios do livro.

A obra, naturalmente, é conhecida e usada por alguns pastores adventistas do Brasil, mas parece não ter recebido a atenção que merece. O Pastor Ramildo Bezerra dos Santos, responsável pelo setor de produção de materiais do Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana, diz que os conceitos do livro são bons, mas reconhece que têm sido apenas parcialmente promovidos. Outro pastor criticou o fato de o estudo vir da Alemanha, que não é nenhum exemplo em crescimento de igreja. Porém, usar esse tipo de argumento é o mesmo que dizer: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" Sabemos que pode.

Pois bem, a pesquisa revelou que as oito qualidades são eficazes. Mas seriam elas "adventistas"? Analisando uma por uma, este artigo procura mostrar que sim e dá algumas sugestões de como implementá-las.

Liderança capacitadora

"Liderança é influência – nada mais, nada menos", define John Maxwell.⁴ Ele está certo, mas é necessário acrescentar que o

verdadeiro líder não apenas atrai seguidores, mas também sabe motivar equipes e formar outros líderes. O trabalho do líder cristão é fazer discípulos (Mat. 28:19) e aperfeiçoar os “santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efê. 4:12). O líder cristão partilha o poder (Núm. 27:20). É bom lembrar que nos tempos bíblicos, um discípulo (do grego *mathetes*) era um estudante que se associava a um professor para aprender do seu pensamento e de sua vida.

Infelizmente, há “líderes” que ficam no cargo durante dez ou 15 anos e não preparam seus sucessores, não formam equipes, nem delegam tarefas e poderes. Tendem a controlar tudo e a segurar todo o poder para si, esquecendo-se de que apenas a semente que é espalhada tem chance de reproduzir e se multiplicar.

Por outro lado, muitos pastores reclamam porque têm distritos com múltiplas igrejas. Eles se sentem sobrecarregados e sonham com distritos de uma ou duas igrejas. Mas isso reflete uma falta de visão do que deve ser o trabalho do pastor. Será que o ideal é mesmo um pastor em cada igreja?

Para Russel Burril, professor na Universidade Andrews, a resposta é um definitivo “não”. Sério defensor do ministério leigo, ele revela que a Igreja Adventista não tinha pastores fixos nas primeiras décadas de sua história.⁵ O papel principal dos pastores não era cuidar do rebanho, mas plantar igrejas e capacitar os membros para o trabalho. Ao longo do século 20, isso mudou nos Estados Unidos; o resultado foi lamentável para o crescimento da igreja, e agora várias associações estão tentando reverter o quadro.

Se lá eles percorreram o caminho da “profissionalização” ministerial e não o aprovaram, por que repetir o erro aqui? A solução não é reduzir o número de igrejas por pastor, mas mudar o enfoque do trabalho pastoral – de “babá” para capacitador.

Ellen White ressaltou repetidamente a importância da liderança capacitadora. “A maior ajuda que pode ser dada ao nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus, dependendo dEle e não de ministros”, escreveu. Segundo ela, os pastores deveriam gastar “mais tempo educando do que pregando”. O melhor trabalho que eles podem fazer “é ensinar, educar”. “Cada igreja deveria ser uma escola missionária”.⁶

Como desenvolver essa característica na sua igreja?

Adote e pratique uma teologia voltada

para o ministério de todos os crentes. “No Novo Testamento, a igreja não tem um sacerdócio – ela é o sacerdócio”, observa Burril.⁷ Há uma diferença funcional entre clérigos e leigos, mas o *status* é o mesmo.

Procure preparar o maior número possível de líderes leigos e envolvê-los na missão da igreja.⁸

Apóie, motive e monitore o desenvolvimento de novos líderes (se possível, crie uma escola contínua de líderes).

Incentive o trabalho em equipes e dê autonomia para essas equipes.

Espere grandes coisas dos membros, pois as pessoas tendem a se comportar de acordo com as expectativas.

“A maior ajuda
que pode ser dada
ao nosso povo
é ensiná-lo a
trabalhar para
Deus.”

Ministério baseado nos dons

O bom senso diz que as pessoas fazem melhor aquilo que elas conhecem e apreciam. Na igreja, os membros deveriam trabalhar de acordo com os seus dons espirituais. Isso é bíblico e lógico. Contudo, a maioria das igrejas ainda funciona com base em antigas listas de cargos.

Cada fim de ano, ocorre o mesmo ritual: a comissão de nomeações tenta preencher os cargos, os membros brigam porque queriam ou não queriam determinado cargo. Depois, durante o ano, muitos se sentem frustrados no desempenho de suas funções – quando desempenham alguma coisa! Sejamos honestos: a comissão é uma idéia democrática, mas o tempo da “comissão-preenche-cargo” já passou. Será que a pessoa troca de dom a cada ano?

O ministério baseado nos dons não despreza as necessidades da igreja, mas

acima de tudo, leva em conta os talentos e dons que Deus colocou na igreja. Uma das principais palavras gregas para “dom” no novo Testamento é *charisma*⁹ (plural, *charismata*), a qual significa “dom generoso” ou “dom da graça”. Ignorar ou minimizar esses dons é desconsiderar o Doador.

A Igreja Adventista crê oficialmente nos dons espirituais,¹⁰ mas é possível que na prática não esteja incentivando a expressão de todos eles, especialmente os dons miraculosos. De alguma forma, nós institucionalizamos o dom de profecia através do White Estate e da pesquisa, e o dom de cura através da rede hospitalar. Essa opinião é também partilhada pelo Dr. Erich Baumgartner. Porém há espaço para as duas coisas – dom institucionalizado e dom personalizado, histórico e atual.

Os dons “são preciosos, em seu devido lugar”, afirma Ellen White.¹¹ “Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo sua habilidade”.¹² É preciso pedir e usar os dons, pois, caso contrário, eles se reduzem a “fraqueza”¹³ – e a igreja também. De fato, a “maior causa de nossa fraqueza espiritual como um povo é a falta de fé real nos dons espirituais”.¹⁴

Os dons espirituais são discutidos em quatro passagens principais: Romanos 12, I Coríntios 12 (duas vezes), Efésios 4 e I Pedro 4. Nenhuma lista repete totalmente as demais. Isso sugere que, coletivamente, elas não exaurem todos os dons possíveis, mas são apenas ilustrativas dos vários dons concedidos à igreja.¹⁵ Hoje, Paulo poderia acrescentar cantores, escritores e apresentadores de programas de TV, por exemplo.

Como trabalhar com base nos dons?

Reconheça que há um leque de diferentes dons, mas todos vindos de uma mesma fonte: o Espírito Santo (I Cor. 12:4). A “igreja reflete unidade em sua totalidade, mas não uniformidade em suas partes”.¹⁶

Ensine sobre os dons. “A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes”, escreveu Paulo (I Cor. 12:1).

Conscientize a igreja de que os dons não são para enriquecer o crente individualmente, nem para enfeitar a igreja, mas para construir o corpo de Cristo (I Cor. 12:7; 14:5, 12).

Esclareça que todos os membros necessitam uns dos outros, pois nenhuma pessoa tem todos os dons (I Cor. 12:14-

21), assim como nenhum dos dons é dado a todas as pessoas (12:28-30).

Mostre que os dons deve ser exercidos num ambiente de "ordem" (1 Cor. 14:33, 40).

Ajude os membros a descobrir seus dons. Cada cristão tem algum tipo de dom, porque o Espírito presenteia "cada um" (1 Cor. 12:1). Sugira-lhes estes passos: ore, faça testes e questionários, explore as possibilidades, experimente tantos dons quantos puder, examine seus sentimentos, avalie os resultados.

Incentive o uso dos dons, para que eles se desenvolvam (1 Tim. 1:14; 1 Ped. 4:10).

Espiritualidade contagiante

Deus não aprecia igrejas mornas (Apoc. 3:15) – nem frias. A igreja precisa de "fogo" para crescer. "Doutrina pura sozinha", diz Schwarz, "não leva ao crescimento."¹⁷ É necessário um genuíno relacionamento com Cristo (João 15:1-8).

Seria um erro a Igreja Adventista abandonar a sua preocupação com a pureza doutrinária, mas é igualmente um erro ela não buscar uma experiência mais envolvente. Verdade e amor, assim como doutrina e relacionamento, caminham lado a lado.

Se nós pertencemos a Cristo, teremos fome e sede dEle. "Teremos o desejo de refletir Sua imagem, possuir Seu Espírito, cumprir Sua vontade e agradar-Lhe em tudo", diz Ellen White.¹⁸ Orar não será uma obrigação, mas um prazer e uma fonte de força. Teremos intimidade com Deus e esperamos grandes coisas dEle. Como desenvolver uma espiritualidade apaixonada na igreja?

Retrate a Deus como alguém que Se importa com as pessoas.

Leve a igreja a sentir Deus de forma real e incentive o amor supremo a Ele.

Planeje seminários e cursos sobre oração.

Crie encontros e redes de oração.

Desenvolva um estilo de culto mais participativo.

Libere sua igreja para ser um pouquinho mais "carismática". Afinal, o padrão das igrejas do Novo Testamento e da Igreja Adventista em seu início é claramente "carismático", embora não necessariamente nos termos modernos.

Estruturas funcionais

A igreja deveria ser um organismo vivo e dinâmico. Porém, muitas igrejas estão mortas e paradas – vítimas do tradicionalismo. George Knight, utilizando uma classificação do sociólogo David Moberg, diz que as igrejas passam por cinco está-

gios: organização incipiente, organização formal, eficiência máxima, institucionalismo e desintegração.¹⁹

Muitos sentem que a Igreja Adventista nos Estados Unidos está no estágio 4, correndo o risco de entrar no estágio 5. No Brasil, é provável que esteja entre os estágios 3 e 4.

É óbvio que as instituições são necessárias, mas é igualmente óbvio que o institucionalismo é perigoso. Ele é perigoso e nefasto porque suga a vitalidade da igreja. As instituições passam a absorver as forças e os recursos que deveriam ser usados na evangelização. A burocracia cresce e paralisa o corpo. A máquina torna-se um fim em si mesma. Os programas ganham mais atenção do que as pessoas. As doutrinas se fossilizam. A adoração vira um ritual.

Para crescer, a igreja precisa ter uma estrutura funcional, em todos os níveis e em todas as áreas. Isso significa que algumas mudanças podem ser necessárias. Como disse Jesus, "vinho novo deve ser posto em odres novos" (Luc. 5:38).

Tradicionalmente, a Igreja Adventista tem condenado o tradicionalismo (sem trocadilho). Ela sempre esteve aberta a mudanças e aperfeiçoamento – inclusive no aspecto doutrinário.²⁰ A vida é movimento; a igreja é dinâmica. Mas temos de ser vigilantes!

Segundo Ellen White, a igreja foi organizada para avançar e evitar confusão.²¹ O objetivo da organização era facilitar a missão, não atrapalhá-la. Porém, com o tempo, a maquinaria começou a ficar complicada, e White viu a necessidade de "um esforço para simplificar o trabalho",²² evitando a burocracia e o institucionalismo. Ela adverte que ninguém deveria fechar o caminho a novos métodos pela crítica.²³

Como valorizar as estruturas funcionais?

Faça um levantamento para descobrir em que áreas sua igreja precisa mudar. Pense nos valores (quem somos, o que cremos?), na visão (onde queremos chegar?), na missão (como chegaremos lá?) e nos alvos (o que realmente queremos?).

Saiba "vender" as mudanças necessárias. Hoje há uma série de boas fontes para ajudar o pastor a implementar mudanças.²⁴

Mostre aos membros a diferença entre fundamento e tradição, princípios e regras, essência e forma.

Crie uma estrutura "permissiva", em que equipes e times possam ser formados livremente para desenvolver projetos específicos.

Reduza o número de comissões e encontros inúteis ou infrutíferos.

Leve sua igreja a se comprometer com a criatividade, a inovação, a qualidade e a excelência em todos os níveis.

Crie um ambiente de liberdade e flexibilidade (cf. II Cor. 3:17).

Culto inspirador

O culto não precisa ser "chato"; ele pode ser ao mesmo tempo santo e "divertido". Deus deve ser adorado em "espírito e verdade" (João 4:24). A experiência da adoração deve tocar a mente (razão) e o coração (afeições/emoções), levando o adorador a entender e sentir Deus. Se o culto não põe o adorador na presença de Deus, para beber do rio divino de bênção e cura, ele falhou em um de seus propósitos básicos.

Ellen White valorizava o culto inspirador. Para ela, "a atitude sem vida dos adoradores na casa de Deus é uma grande razão por que o ministério não é mais produtivo".²⁵ Considerava a música um grande poder para o bem, uma excelente ferramenta evangelística, e incentivou os membros a educar suas vozes e a usar um grupo de cantores e instrumentos no culto.²⁶

Como criar um culto inspirador?

Elabore uma lista de checagem para avaliar seus cultos.²⁷

Altere a estrutura do culto – se necessário, crie um novo culto em horário diferente.²⁸

Crie um estilo de culto mais participativo, ao invés de apresentacional.

Escolha um facilitador que encoraje a adoração não só no sábado, mas também no dia-a-dia da semana.

Adote um estilo de música mais contemporâneo, levando em conta o seu contexto cultural. Use instrumentos modernos.

Faça cultos nos quais o adorador seja inspirado pela beleza e participe no mistério divino.

Pequenos grupos

"Claramente, a igreja primitiva foi organizada sobre o princípio de pequenos grupos, com um ancião liderando o grupo", afirma Burrill. "Não havia pastores, como os conhecemos hoje."²⁹ Se os grandes encontros serviam para o ensino e o evangelismo, os pequenos atendiam às necessidades pessoais. Os pioneiros adventistas conscientemente tentaram copiar tal modelo.³⁰

Isolado, diz Schwarz, este é o fator mais significativo relacionado ao crescimento de igreja.³¹ Não é por acaso que as

novas e bem-sucedidas "igrejas apostólicas" e as megaiigrejas usam os pequenos grupos como elemento estruturador do seu ministério.³² Essas igrejas têm celebrações semanais, no templo, mas o ministério é desenvolvido no dia-a-dia, nas casas.

Ellen White definiu a importância dos grupos familiares com uma frase inequívoca: "A formação de grupos pequenos como base do esforço cristão foi-me apresentada por um que não pode errar."³³ Ou seja, trata-se de um método divino! Como valorizar este aspecto na sua igreja?

Inclua os pequenos grupos em sua agenda, conscientizando e ensinando os membros sobre o assunto.

Estruture a vida da igreja em torno dos grupos familiares; não transforme os pequenos grupos em apenas mais uma atividade.

Crie um programa de formação de novos líderes e multiplicação de pequenos grupos através de divisão de células.

Estabeleça uma rede integrada de "apoioadores" dentro dos pequenos grupos.

Permita que os pequenos grupos cumpram totalmente o seu objetivo social e espiritual, sem impor uma agenda evangelística.

Evangelismo voltado para as necessidades

O evangelho é relevante por si mesmo, mas isso não é óbvio para a mente secularizada. As coisas espirituais "se discernem espiritualmente" (I Cor. 2:14). Portanto, a melhor maneira de abordar as pessoas é ministrar às suas necessidades, onde elas estão, no nível delas.

Em uma clássica passagem, Ellen White diz que o método de Cristo é o único que dará verdadeiro sucesso. Ele (1) misturava-se com as pessoas desejando-lhes o bem; (2) mostrava simpatia e interesse por elas; (3) atendia suas necessidades; (4) ganhava sua confiança; (5) convidava-as para segui-Lo.³⁴ Como valorizar o evangelismo voltado para as necessidades?

Ministre cursos para a comunidade – algo do tipo "Como ter um casamento bem-sucedido", "Como ser feliz".

Crie programas para ajudar as pessoas viciadas a encontrar a liberdade.

Amplie os programas de atendimento aos pobres e aos feridos emocionalmente.

Desenvolva uma comunidade que proporcione o senso de "pertencer", através de pequenos grupos.

Crie oportunidades para as pessoas se sentirem úteis.

Apresente pregações e ensinamentos práticos, relacionando a verdade à vida.

Crie uma mentalidade "encarnacional" na igreja, motivando os membros a adotar a perspectiva dos pré-adventistas.

Incentive os membros a evangelizar sua *oikos* (a esfera de influência e relacionamento da pessoa).

Use a linguagem do seu público-alvo.

Relacionamentos amoráveis

No mundo atual, caracterizado pela mobilidade e a superficialidade, as pessoas têm uma forte necessidade de relacionamentos amoráveis. A igreja é a agência ideal para satisfazer essa necessidade, porque os verdadeiros discípulos de Cristo amam uns aos outros (João 13:35).

De acordo com Ellen White, "é pelas relações sociais que a religião cristã entra em contato com o mundo".³⁵ "O mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão afetuoso e amável."³⁶ Esse argumento não pode ser contestado. Se os cristãos fossem mais corteses e bondosos, "haveria cem conversões à verdade onde agora há uma".³⁷ Deus está procurando canais para levar o óleo do amor e da alegria até as pessoas.³⁸ Como valorizar relacionamentos amoráveis em sua igreja?

Crie uma comunidade aberta aos convidados e visitantes.

Planeje momentos de companheirismo na igreja, através de almoços e jogos, por exemplo.

Promova o bom humor e aumente os risos e sorrisos na igreja.³⁹

Incentive o espírito de aceitação e otimismo.

Reconheça e valorize o potencial das pessoas.

Faça sermões e seminários sobre o fruto do Espírito.

Podemos concluir que essas oito características qualitativas são genuinamente "adventistas", porque elas são bíblicas, estão sintonizadas com o pensamento de autores adventistas, especialmente Ellen White, e ajudam a Igreja a cumprir a sua missão. Se elas forem praticadas, o crescimento da igreja será 99% certo. Se fizermos a nossa parte, Deus fará a dEle – de forma natural. ☆

Referências:

- Christian A. Schwarz, *O Desenvolvimento Natural da Igreja* (Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996). As citações neste artigo são da edição em inglês, *Natural Church Development*, 3ª ed. (Carol Stream, IL: Church Smart Resources, 1998).
- Ibid.*, pág. 40.
- Ibid.*, pág. 7.

- John Maxwell, *The 21 Irrefutable Laws of Leadership* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998), pág. 17.
- Russell Burrill, *Radical Disciples for Revolutionary Churches* (Fallbrook, CA: Hart Research Center, 1996), págs. 60 e 61.
- Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), vol. 7, págs. 19 e 20; *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa, 1993), pág. 193; *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa, 1990), pág. 149.
- Russell Burrill, *Revolution in the Church* (Fallbrook, CA: Hart Research Center, 1993), pág. 24.
- Para quem lê em inglês, há vários livros enfatizando o ministério leigo e demonstrando como capacitar os leigos. Exemplos: *Let My People Go: Empowering Laity for Ministry* (Nashville, TN: Abingdon, 1980), de A. Lindgren e N. Shawchuk; *Empowering Lay Volunteers* (Nashville, TN: Abingdon, 1991), de Douglas W. Johnson; *Can the Pastor Do it Alone?* (Ventura, CA: Regal, 1987), de Melvin J. Steinbron; e *Liberating the Laity: Equipping All the Saints for Ministry* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1985), de R. Paul Stevens.
- Charisma*, usado quase exclusivamente por Paulo (a exceção é I Ped. 4:10), aparece 17 vezes no Novo Testamento.
- Nisto Cremos (Tatuí, SP: Casa, 1989), capítulos 16 e 17.
- Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Santo André, SP: Casa, 1983), pág. 481.
- _____, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa, 1990), pág. 111.
- _____, *Mensagens Escolhidas* (Santo André, SP: Casa, 1985), vol. 1, pág. 127.
- _____, *Review and Herald*, 14/08/1868.
- Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker, 1991), pág. 876.
- Simon J. Kistemaker, *I Corinthians*, The New Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Baker, 1996), pág. 418.
- Schwarz, *Op. Cit.*, pág. 27.
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa, 1996), pág. 58.
- George Knight, "Adventismo, institucionalismo e o desafio do secularismo", *O Ministério*, janeiro/fevereiro de 1992, págs. 6-15.
- George Knight, "Mudanças no adventismo", *Ministério*, janeiro/fevereiro de 1994, págs. 14-22.
- Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Santo André, SP: Casa, 1979), pág. 26.
- _____, *General Conference Daily Bulletin*, 29/01/1893.
- _____, *Review and Herald*, 30/09/1902.
- Alguns livros úteis nesse sentido são: *Dying for Change* (Minneapolis: Bethany, 1990), de Leith Anderson; *Pouring New Wine into Old Wineskins* (Grand Rapids, MI: Baker, 1993), de Aubrey Malphurs; *Sacred Cows Make Gourmet Burgers* (Nashville, TN: Abingdon, 1995), de William M. Easum; *The Interventionist* (Nashville, TN: Abingdon, 1997), de Lyle E. Schaller; e *Diffusion of Innovations* (Nova York: Free Press, 1995), de Everett M. Rogers.
- Ellen G. White, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), vol. 5, pág. 493.
- Para uma análise da posição de Ellen White sobre esse assunto, ver Paul Hamel, *Ellen White and Music: Backgrounds and Principles* (Washington, DC: Review and Herald, 1976), págs. 76-101.
- A revista *Leadership*, primavera de 1999, págs. 62 e 63, traz um modelo ("Was It Worship?").
- Ver Charles Arn, *How to Start a New Service* (Grand Rapids, MI: Baker, 1997).
- Revolution in the Church*, pág. 119.
- Russell Burrill, *Recovering the Adventist Approach to the Life & Mission of the Local Church* (Fallbrook, CA: Hart Research Center, 1998), capítulos 6-8.
- Schwarz, pág. 33.
- George G. Hunter II, *Church for the Unchurched* (Nashville, TN: Abingdon, 1996).
- Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Santo André, SP: Casa, 1978), pág. 126.
- _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.
- _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 480.
- _____, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, (Tatuí, SP: Casa, 1996), pág. 100.
- _____, *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), vol. 9, pág. 189.
- _____, *Parábolas de Jesus*, (Tatuí, SP: Casa, 1996), pág. 419.
- A pesquisa de Schwarz revelou que há uma relação direta entre risos na igreja e seu crescimento qualitativo e numérico (Schwarz, pág. 36).

A criação bíblica

L. JAMES GIBSON

Ph.D., diretor do Instituto de Geociência da Universidade Loma Linda, Estados Unidos



Divulgação

Freqüentemente surge um novo ponto de discussão no debate entre os muitos ramos da ciência e a posição das Escrituras sobre a origem do mundo. E todos sabem que a maior parte da comunidade científica apresenta uma visão das origens radicalmente diferente da que é apresentada nas Escrituras.

Muitos eruditos cristãos tentam ajustar a descrição bíblica da criação ao conceito científico contemporâneo. E nessa busca de harmonia, muitas teorias têm sido construídas. Gostaríamos de brevemente descrever alguns desses modelos criacionistas e oferecer uma avaliação concisa de seus pontos altos e fracos.

Criação há milhões de anos

A teoria da criação universal diz que o mundo surgiu em seis dias, milhões de anos atrás. Mas é inconcebível que as espécies vivendo juntas por milhões de anos pudessem ser fossilizadas seletivamente, para produzir a seqüência fóssil observada. Alguma outra solução deve ser buscada.

Criação de uma vida

A teoria da criação da vida na Terra é a visão oficial adventista. A criação foi global, executada por uma ordem (Gên. 1:3) ou direta intervenção divina (Gên 2:7), e consumada em seis dias. Os ancestrais de todos os organismos vivos foram criados, juntamente com as condições ambientais requeridas para sua sobrevivência.

As três principais variantes dessa teoria diferem quanto à extensão da criação para além da biosfera:¹ (1) todo o Universo foi criado durante a semana da criação; (2) o relato da criação refere-se apenas à Terra e

ao sistema solar, tendo o restante do Universo sido criado previamente; e (3) a narrativa da criação refere-se apenas à atmosfera, a superfície da Terra e aos organismos vivos. O Universo, incluindo nosso planeta com sua água e seus minerais foram criados algum tempo antes.

O texto bíblico não parece regulamentar quaisquer dessas variantes. O estudante das Escrituras aceita uma criação geral, em seis dias, embora haja alguns questionamentos a respeito de detalhes.²

A interpretação tradicional do relato da criação provê um fundamento lógico para muitos ensinamentos bíblicos, tais como a queda do homem e o significado do Calvário.

As evidências científicas em apoio a essa teoria são mistas. Existe abundante evidência para um desígnio na natureza, e as descobertas geológicas oferecem grandes evidências de catástrofe. Mas o registro da geologia torna-se difícil de ser interpretado, se estiver baseado numa cronologia curta.³

Acho que uma criação recente, efetuada em seis dias, é a melhor teoria apoiada pelas Escrituras, embora muitos cientistas a contestem. Apesar disso, há uma base suficientemente sólida para que ela seja recomendada. A teoria apresenta uma visão muito mais favorável de Deus como Criador, do que qualquer outra alternativa.

Mas existem outras idéias da natureza que pretendem construir uma harmonia mais satisfatória entre a Bíblia e a ciência.

Teoria da lacuna

Segundo a teoria da ruína e restauração, ou teoria da lacuna⁴, a Terra foi habitada

muito tempo atrás por organismos que agora estão preservados como fósseis. Todos eles foram destruídos em algum momento no passado. Posteriormente, Deus recriou a vida na Terra, segundo o Gênesis. Numa variante, o mundo anterior foi controlado por Satanás, o que explica a evidência de destruição e sofrimento.

Essa teoria chegou a ser muito popular no século 19, mas hoje não é muito aceita. Seus defensores evocam Gênesis 1:2 que diz: "A Terra, porém, era sem forma e vazia." Eles raciocinam que Deus não poderia ter criado a Terra em tais condições. Ela se tornara dessa maneira. O livro de Gênesis apenas relata a criação mais recente, quando a vida foi restaurada na Terra.

As evidências científicas para essa teoria são confusas. A coluna geológica é o meio mais fácil para explicar uma longa cronologia. E alguém poderia esperar encontrar uma lacuna universal no registro fóssil, com tipos de organismos conhecidos e humanos acima da lacuna, e tipos de organismos extintos abaixo da lacuna. Nenhuma lacuna foi encontrada. Mudanças relativamente abruptas em fósseis são vistas algumas vezes na coluna geológica, mas elas são incompletas. Seres humanos e animais conhecidos não aparecem juntos abruptamente.

Nem a Bíblia nem a ciência sugerem essa visão da História. Não há razão para adotá-la em detrimento da interpretação do Gênesis.

Visão intervencionista

Os termos "criação antiga" ou "criação progressiva" são usados aqui para uma categoria de modelos propondo a criação direta, intervencionista, de organismos vivos através de longos períodos. Muitos desses modelos existem, com ampla variação de detalhes.

Qualquer modelo de criação deve abordar o tempo e o processo da criação. As interpretações dos seis "dias" aplicadas aos modelos de criação antiga ou progressiva geralmente caem em três dos seguintes grupos:

1. Os dias da criação são literais de 24 horas, mas não necessariamente consecutivos ou recentes. Exemplo disso é a hipótese da criação intermitente.

2. Os dias da criação são seqüenciais, períodos consecutivos de tempo, mas de duração indefinida. É o que propõe a hipótese do dia-ano.

3. Os dias da criação são apenas uma divisa literária; não são seqüenciais ou de

duração definida, como exemplifica a hipótese da estrutura.

Por sua vez, as interpretações do processo da criação convergem, na maior parte, para um dos seguintes grupos:

1. Novas formas de vida foram criadas diretamente *ex nihilo*.

2. Novas formas de vida foram criadas diretamente de matérias não viventes.

3. Novas formas de vida foram produzidas por modificação direta de outras formas vivas.

Algumas formas importantes de criação antiga ou progressiva são rapidamente descritas nos tópicos seguintes.

Hipóteses de criação antiga

Algumas hipóteses (não teorias) têm sido propostas no sentido de explicar os seis dias da criação em lugar de uma semana literal.

A teoria de uma criação universal, recente, feita em seis dias, é mais coerente com o relato bíblico.

*Hipótese do dia-ano.*⁵ A hipótese do dia-ano propõe que os dias da criação foram muito mais longos do que os dias comuns, provavelmente estendendo-se por milhões de anos. Os defensores dessa hipótese usam passagens tais como Salmo 90:4 ou II Pedro 3:8, que dizem respectivamente: "Pois mil anos aos Teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite." "... Para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia." Entretanto, nada há na Bíblia que sugira a aplicação desses versos aos dias da criação.

*Hipótese do dia relativo.*⁶ Pode ser considerada uma variante da hipótese do dia-ano. A criação ocorreu na seqüência indicada no Gênesis. Todavia, o período de tempo envolvido depende da localização do observador, tal como a teoria da relatividade de Einstein. Isto é, os eventos da criação tiveram lugar em seis dias, do

ponto de vista de Deus. Mas os mesmos eventos ocuparam bilhões de anos a partir da observação dos homens.

*Hipótese do dia intermitente.*⁷ Supõe que os dias da criação foram literais, comuns, mas foram separados por longos períodos. Em certos dias, Deus interveio para criar certas características. Os processos ordinários da natureza ocorreram durante longos séculos entre os dias da criação.

Toda teoria envolvendo longos períodos para a criação enfrenta o problema teológico de tentar explicar a presença do sofrimento, destruição e morte, antes da entrada do pecado no mundo (Rom. 5:8).⁸ Outro problema é que cada um dos dias da criação tem um período escuro (tarde) e uma parte clara (manhã), indicando um dia literal de 24 horas.⁹ Igualmente, toda teoria que aceita a natureza seqüencial dos dias da criação através de longos períodos, está em conflito com a seqüência fóssil. A seqüência dos atos criativos difere grandemente da seqüência dos grupos fósseis.

Não vemos razão para se adotar qualquer dessas idéias a respeito da criação, e rejeitar o relato de Gênesis.

Hipótese da estrutura. Os dias da criação são simplesmente uma estrutura literária usada para ensinar a verdade teológica que Deus é o Criador de tudo. Nem os períodos de tempo, nem a seqüência nem as descrições dos eventos devem ser considerados literalmente.

Duas variantes relacionadas com essa hipótese são ocasionalmente usadas para tentar explicar os seis dias como tempo literal. Uma delas, a "hipótese da revelação", propõe que os dias mencionados em Gênesis I foram seis dias sucessivos de visões, nas quais Deus revelou-Se como Criador a Moisés. As visões foram simbólicas e não representam os eventos reais da criação.

A segunda variante é a "hipótese da proclamação", segundo a qual o Gênesis relata a série real das ordens criativas dadas por Deus, mas ao invés de elas serem cumpridas imediatamente, foram realizadas através de longos períodos.

Os escritores bíblicos usam importantes elementos dos primeiros capítulos de Gênesis, incluindo o relato da criação, como base para explicar a realidade. Todo escritor do Novo Testamento revela aceitação de algum elemento dos primeiros onze capítulos de Gênesis.¹⁰ Com base no uso escriturístico, a literalidade dos dias e eventos da criação parece-nos acima de qualquer controvérsia.

Na realidade, a preocupação dessa hipótese é como interpretar o livro de Gênesis. Ela não aborda questões científicas, mas deve ser incorporada num modelo de criação tal como os dois próximos a serem discutidos.

Esse modelo carece de apoio bíblico ou de qualquer outra fonte direta. Além disso, qualquer avaliação adicional requer um modelo mais completo.

Criação individual

A teoria da criação individual¹¹ ou do local múltiplo propõe que Deus criou diretamente novas espécies individuais ou grupos de espécies, em muitos atos separados através de longos períodos. Por exemplo, a criação dos seres humanos e do jardim do Éden poderia ser considerada como o mais recente exemplo.

Parece difícil conciliar essa teoria com a descrição em Gênesis de uma Terra "sem forma e vazia". Um problema mais sério ainda é como explicar a presença da morte antes da entrada do pecado no tempo de Adão e Eva.

O proposto aparecimento abrupto de seres humanos parece contradizer à convencional interpretação "longos períodos" da seqüência de crescimento dos homínidos fósseis modernos.

Isso parece ser uma teoria "Deus das lacunas" que explica qualquer aspecto da seqüência fóssil dizendo simplesmente que Deus interveio naquele ponto. Embora ela reduza o conflito entre a ciência e as Escrituras sobre alguns assuntos, a hipótese ainda conserva sérios conflitos sobre outras questões. Ela não oferece a solução que estamos buscando.

Evolução providencial

A expressão "evolução providencial" será aplicada aqui a qualquer teoria afirmativa de que (1) todos os organismos vivos têm um único ancestral comum; e (2) a queda com modificações foi diretamente dirigida por Deus. Segundo alegam alguns estudiosos, Deus poderia ter guiado a queda com modificações, por conduzir o processo de mutações¹² ou por selecionar indivíduos preferidos. Isso poderia ocorrer esporadicamente, ou Ele poderia estar experimentando constantemente.¹³ As duas idéias podem ser combinadas já que Deus estaria controlando os dois processos.

Não existe apoio bíblico direto para essas hipóteses. Elas parecem implicar Deus como responsável pela morte. Adão e Eva não existiram; portanto, não houve que-

da, muito menos há necessidade de salvação. A evolução providencial parece contrariar o espírito e a letra das Escrituras.

A evidência científica para essa teoria é também confusa. Repetimos, a coluna geológica é o meio mais fácil para explicar uma cronologia longa. Mas tanto o registro fóssil como a experiência da seleção sugerem a existência de múltiplas linhagens com origens separadas. A ciência convencional sustenta que a mutação e a seleção são explicáveis sem a intervenção divina.

Essa teoria parece uma outra "Deus das lacunas" que invoca a intervenção sobrenatural somente para construir lacunas que não têm explicação presente. Parece contradizer tanto a Bíblia como a ciência. Também não vemos razão alguma para rejeitar a interpretação tradicional de Gênesis e aceitá-la.¹⁴

Fonte mais confiável

Não tenho encontrado qualquer teoria a respeito das origens que explique completamente todos os fatos. Todas as teorias têm deficiências em termos de sua possível coerência com a ciência, a Bíblia, ou com as duas fontes. Não podemos, e não devemos, reivindicar a posse da compreensão completa a respeito de nossas origens. Não necessitamos, porém, ser agnósticos.

A teoria de uma criação feita em seis dias, universal, e recente, parece-nos inteiramente coerente com o relato bíblico. Todas as outras teorias têm implicações que parecem contradizer pontos importantes para a aceitação das Escrituras. As pessoas que adotam essa teoria provavelmente o fazem em virtude de seu maior peso em favor das Escrituras do que da ciência. Mas devem reconhecer que o modelo deixa-nos com algumas interrogações a respeito da ciência.

Os vários modelos de longos períodos propõem melhores explicações para alguns dados científicos. Quem dá preferência a uma dessas teorias talvez o faça por causa da evidência científica. Mas todo modelo falha em explicar certos fatos da própria ciência. Parece não haver respostas científicas completamente satisfatórias para as questões relacionadas com as origens. Os modelos de longos períodos também falham em dar explicações satisfatórias para algumas importantes evidências bíblicas. Quem optar por esses deve reconhecer que eles também nos deixam com muitas interrogações sem respostas a respeito das Escrituras Sagradas.

Representaria alguma surpresa que os eruditos adventistas sejam desafiados por essa situação? Nós os que esperamos harmonizar as Escrituras com a natureza, ficamos perplexos porque, em lugar disso, encontramos tensão. Mas esse estado de coisas foi descrito um século atrás.¹⁵

Como um adventista do sétimo dia, eu considero a Bíblia mais confiável do que a ciência, como um registro da atividade sobrenatural tal como se encontra no Gênesis. Aceito uma criação feita em seis dias, não devido a que a ciência não me dê alternativas, mas porque essa é minha melhor compreensão do que a Bíblia ensina.

A questão crucial é se a Bíblia é mais confiável em questões de origem, ou se nossas atuais percepções e compreensão científicas são mais confiáveis do que a Bíblia. Essa decisão não é, e realmente não pode ser, uma simples decisão científica. Ao contrário, ela é determinada pela escolha de pressupostos que alguém faz. E isso pode ser chamado de fé. ☆

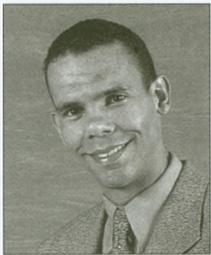
Referências:

- 1 A. A. Roth, *Origins: Linking Science and Scripture* (Hagerstown, Md: Review and Herald Publishing Association, 1998), págs. 315-318.
- 2 Ver site <http://www.grisda.org/resources/ref-theosda.htm>
- 3 Há muitos livros disponíveis sobre este assunto: Alan Hayward, *Creation and Evolution: Rethinking the Evidence from Science and the Bible* (Minneapolis, Minn: Bethany House Publishers, 1995); Daniel E. Wonderly, *Neglect of Geologic Data. Sedimentary Strata Compared with Young-Earth Creationist Writings* (Hatfield, Pa: Interdisciplinary Biblical Research Institute, 1987).
- 4 W. W. Fields, *Unformed and Unfilled: The Gap Theory* (Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Pub. Co., 1978).
- 5 Hugh Ross, *The Genesis Question* (Colorado Springs: Nav. Press, 1998).
- 6 G. L. Schroeder, *Genesis and Big Bang: The Discovery of Harmony Between Modern Science and the Bible* (Nova York: Bantam, 1990).
- 7 Robert C. Newman, "Progressive creationism" in J. P. Moreland and John Mark Reynolds (eds.), *Three Views on Creation* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), págs. 105-133.
- 8 John T. Baldwin, "Progressive creation and biblical revelation: some theological implications", *Origins* 18 (2, 1991), págs. 53-65.
- 9 Gerhard Hasel, "The days of creations in Genesis 1: literal 'days' or figurative 'periods/epochs' of time?", *Origins* 21 (5, 1994), págs. 5-38.
- 10 Richard Davidson, "In the beginning: how to interpret Genesis 1", *Diálogo* 6, 1994, págs. 9-12.
- 11 Bernard Ramm, *The Christian View of Science*, (Grand Rapids, MI: Eerdmans Pub., 1954).
- 12 G. C. Mills, "A theory of theistic evolution as an alternative to the naturalistic theory", *Perspectives on Science and Christian Faith* 47 (2, 1995), págs. 112-122.
- 13 James O. Morse, "The great experimenter?", *Perspectives on Science and Christian Faith* 49 (2, 1997), págs. 108-110.
- 14 L. J. Gibson, "Theistic evolution: is it for adventist?", *Ministry* (01/1992), págs. 22-25.
- 15 Ellen G. White, *Evangelismo*, págs. 593 e 594; *Testimonies for the Church*, págs. 255-262.

A função da teologia na igreja

RODRIGO P. SILVA

Professor na Faculdade de Pedagogia do Instituto Adventista de Ensino, Engenheiro Coelho, SP



Divulgação

Este artigo, na verdade, constitui uma reunião de idéias esparsas, sem nenhuma pretensão de ser um trabalho científico rigorosamente acadêmico. São algumas reflexões fragmentárias, escritas como contribuição ao diálogo sobre o verdadeiro papel do teólogo no movimento adventista e onde estaria, de modo mais exato, sua esfera de ação. Onde e por quem deve ser formulada a teologia? Nos centros universitários, pelos acadêmicos pós-graduados? Ou nos escritórios, pelos departamentais e administradores?

E quanto ao membro leigo, ou o pastor distrital? Têm eles algum papel na caminhada teológica da Igreja? São perguntas delicadas, e nossas reflexões deverão valer para o leitor apenas uma contribuição meditativa.

Metodologia e métodos

A despeito de qualquer má compreensão, as palavras método e metodologia não são sinônimas. Por esta última entende-se o conjunto de técnicas de trabalho utilizadas nas pesquisas científicas de qualquer área acadêmica. Já o método reflete o modo de pensar a fé, quer seja nos moldes acadêmicos ou não. A eurística, que é o aprendizado e desenvolvimento sobre como se apresenta uma pesquisa, é o que faz a diferença; pois, embora o rigor científico esteja obrigatoriamente na metodologia, pode estar ou não vinculado ao método. Sendo assim, podemos seguramente falar de método teológico no mais leigo estágio da fé, ainda que esse não possua sequer uma quantidade mínima de metodologia de pesquisa.

Dentro do contexto adventista brasileiro, percebe-se que a teologia ainda é superestimada a toda e qualquer área acadêmica. Fora, porém, desse ambiente religioso, ela se sente até mesmo inferiorizada diante

de outras ciências mais respeitadas e divulgadas no chamado mundo secular. O cerne da tensão talvez esteja em que a teologia, diferente de outras ciências, constitui um saber irreduzível, onde uma nova luz nunca deve desmerecer ou negar a luz anterior. É um saber progressivo, mas não necessariamente "experimental" como exigem as normas do moderno método científico.

Mas, racionalmente falando, também podemos questionar esta pretensa "unicidade" do saber científico que julga tudo fora de seus contornos como sendo destituído de lógica racional. Tendo uma outra maneira de representar a realidade, o método teológico deve basear-se numa fé doutrinária que tem sua própria lógica refletida na ótica universal de Deus e nem sempre nas reflexões locais e situacionistas do ser humano. Vê-se, portanto, que o mais delicado trabalho a fazer é encontrar a linha tênue que ora une, ora separa o saber teológico da fé do saber intelectual da razão e, uma vez encontrando-a, usá-la com a sabedoria do Céu.

História do método teológico

Após a produção dos últimos livros inspirados da Bíblia, a Igreja patrística que daí se seguiu caracterizava-se basicamente pelo que se chama em latim *lectio divina*. Ou seja, todos refletiam de modo doutrinário e contemplativo sobre a Palavra de Deus, para dali tirar os conceitos de verdade, ética, salvação e vida comunitária. Para eles, a história era um contínuo salvífico de Deus rumo à grande vinda de Cristo, em vista da qual todos viviam e trabalhavam. Eles eram pobres e perseguidos. Não possuíam propriedades e nem mesmo cogitavam o que seria uma faculdade de teologia. Sua reflexão, portanto, centrava-se nas igrejas reunidas em casa de irmãos ou em pequenos cômodos doados por membros. A ciência se-

cular era pensada a partir da fé, e se estavam em confronto sobre determinado ponto, a Palavra revelada deveria ter a primazia.

Mas os encontros com a filosofia grega, a crise do movimento montanista e a falsa conversão de Constantino modificaram a paisagem. Assim, a teologia que adentra os limites da Idade Média já não é tanto bíblica e eclesial, mas escolástica e aristotélica. Troca-se *lectio divina* pela *ratio theologica*. Seu local básico de reflexão deixa de ser as humildes igrejas domésticas para transferir-se às famosas escolas universais. Estabelecidas ao lado de grandes catedrais de ouro, essas escolas marcaram em definitivo o rompimento entre esse cristianismo medieval e aquele fundado por Cristo.

A Bíblia nesse tempo tornara-se quase um livro morto de conteúdo desconhecido. O estudo dominante eram as famosas *Sumas Teológicas* e os *Comentários* sobre as sentenças de outros autores. Nas universidades de Paris e Oxford, a teologia começava a desenvolver seus primeiros programas doutorais marcados por produções e defesas de teses. Seu peso, contudo, já não estava na Palavra revelada de Deus, mas nos autores que julgavam mostrar a coerência da fé de modo mais claro que a Bíblia, cujo conteúdo somente eles arvoraram poder compreender sem cair nos laços da loucura.

O resultado dessa visão racional da Idade Média foi um desastroso rompimento entre a ciência e a fé, culminando na quase aniquilação da primeira, uma vez que os governantes dominados pelo poder papal condenavam como bruxaria qualquer avanço que se pretendesse dar em sua direção. O que encontramos na Idade Média é uma profunda e compreensível revolta contra a Igreja e o poder monárquico. Abafado desde longo tempo, o grito populacional explodiu finalmente, golpeando o catolicismo com a Reforma Protestante, e na Revolução Francesa no fim do século 18.

Mas os dois movimentos, protestantismo e revolução, também eram antagônicos entre si de modo que a teologia nascida dos reformadores precisou duelar com o humanismo que então começava a dominar o mundo. Temendo o comportamento dogmático-apologético do qual ela mesma se libertara ao sair do catolicismo, a Reforma optou por ser absorvida pela modernidade sem crivar nenhum de seus novos arrazoados intelectuais. Em virtude disso, surgiu, então, o famoso Iluminismo alemão, erguendo eruditos como Reimarus, Harnack e Bultmann, cuja principal contribuição foi criar uma frustrada "jesuologia" li-

beral que nada mais era do que o advento daqueles exercícios racionais do escolasticismo, vistos agora sob o manto de uma roupagem modernizada e mais sofisticada.

Nesse novo quadro, como ciência, a teologia se portava como pouco mais que mera teodicéia, e a fé era dominada pela especulação da filosofia hegeliana que então determinava os modos de compreensão da Palavra de Deus. Resultado: os milagres deixaram de ser milagres, a ressurreição deixou de ser histórica e o Pentateuco deixou de ser mosaico. Enfim, o trabalho de Lutero e seus companheiros estava interrompido.

A essa altura, percebe-se a necessidade histórica de um movimento teológico que retomasse as rédeas do ideal protestante, há tempos interrompido. Usando um pregador batista e as implicações de um desapontamento em massa, a providência divina faz surgir na história da teologia o movimento denominado posteriormente Igreja Adventista do Sétimo Dia. Seu objetivo era continuar a Reforma, a partir do ponto em que foi estagnada.

A teologia adventista

A problemática sobre "como não cometer os mesmos erros do passado" é por demais ampla, pelo que nos resta definir bem nossa inquirição nos moldes da ciência teológica. Nossa pergunta, portanto, seria: onde nossa teologia deve cuidar para não se tornar friamente medieval como ocorrera à teologia protestante alemã?

Eis algumas idéias:

1. Devemos cuidar em nossos programas teológicos para que nossas faculdades não se tornem um esfacelado conjunto de matérias e especializações sem nenhuma relação entre si. O teólogo não pode se deixar confundir com um médico especialista que cuida só de ouvidos, negando-se a fazer uma cirurgia do pulmão. Não faz sentido falar-se em teólogo biblista ou teólogo sistemático, quando esses títulos se tornam uma clausura em torno de determinado tema com o total desvínculo dos demais ramos. Afinal, qual o interesse de se fazer teologia sistemática, se não for a partir da Palavra de Deus? E qual o sentido da exegese, se não objetivar a aplicabilidade pastoral?

2. Crença sem uma medida de razão é devaneio e fanatismo. Porém a razão, destituída da experiência real com o Sagrado não passa de pura especulação sem nenhum sentido. Sendo assim, o teólogo diplomado deve respeitar até a mais simples demonstração sincera de fé. E deve buscar participar da mesma experiência para que suas pala-

vas dirigidas aos leigos sejam possuidoras de eficácia espiritual.

3. Antes de se lançar ao estudo sistemático, o teólogo adventista deve ter claro diante de si em função do que ele está pesquisando. Ou mantemos a convicção de que existe uma verdade para a qual caminhamos ou cairemos na idéia de que tudo é relativo e já não existem valores absolutos. Para se refletir teologicamente hoje, deve-se antes refletir criticamente o modo como a teologia evoluiu, observando atentamente seus encontros e desencontros com a verdade, para não se repetir em nós a apostasia que muitas vezes se seguiu. Após isso, nossa convicção máxima deve ser, como um povo, "restaurar as verdades" que a história dos homens deturpou.

4. Nossa teologia não pode ser "genitiva" como propõem certos segmentos criando temas como "teologia dos pobres", "teologia dos negros", "teologia da mulher", etc. Só existe uma teologia, e essa tem de ser a partir de Cristo. Sob essa ótica podemos então falar do pobre, do negro, da mulher, observando como Jesus tratava as pessoas e imitando-Lhe o exemplo. Dentro dessa perspectiva, é preciso que se evangelize o homem de hoje com os seus problemas, mas sem perder de vista que a fé – embora não ignore os problemas existenciais – deve refletir primeiramente sobre Deus e não sobre as coisas do mundo.

5. O melhor lugar para a teologia é a igreja local, com seus problemas, dúvidas e desafios. Mas onde entrariam a faculdade e os escritórios? Esses devem ser, em conjunto, catalizadores que trazem a teologia da comunidade e a devolvem numa sistematização melhor. Nisso, as funções não devem ser vistas como estabelecidos cargos de primazia ou inferioridade em relação uns aos outros. Todos devem ser servos uns dos outros. E a teologia adventista, para ser eficaz, tem de ser construída por todos (leigos e pastores) alicerçados, evidentemente, na Palavra de Deus. Grande erro cometeu o catolicismo, por fechar o saber da fé nas mãos dos sacerdotes doutores em divindade. Igualmente a teologia liberal protestante, por demarcar sua espiritualidade nos moldes do racionalismo humanista.

É nosso entendimento que todo membro da Igreja Adventista, independente de sua formação acadêmica, deveria ser um teólogo. Afinal, o que é um teólogo senão um cristão refletindo sobre sua fé? Como um povo, é hora de refletirmos teologicamente juntos, deixando de lado o partidarismo e as tendências de ser independente da Organização escolhida por Deus. ☆

O preço do resgate

Mensagem devocional apresentada no dia 5 de julho, na 57ª Assembléia da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Toronto, Canadá

JOSÉ M. VIANA

Th.D., diretor de Evangelismo da União Central-Brasileira da IASD



Divulgação

De acordo com as Escrituras, “Cristo morreu pelos nossos pecados” (I Cor. 15:3). E o fez por amor: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16).

Dar a vida *pelos pecados* e dar a vida *por amor* são aspectos que estão bem relacionados entre si. Ele nos amou e deu-Se a Si mesmo por nós, para a remissão dos nossos pecados (Gál. 2:20). Com isso em mente, vamos fazer uma visita imaginária a três lugares muito especiais para os cristãos: o jardim do Getsêmani, o Calvário e a tumba de Jesus.

No Getsêmani

No jardim do Getsêmani, encontramos um homem afogado em angústias. De Seus lábios, ouvimos o sussurrar: “Minha alma está profundamente triste até à morte.” (Mar. 14:34). Ele está enfrentando um momento crítico em Sua experiência terrestre. Por duas vezes pediu a Seus companheiros que velassem em Seu favor; mas estes O tinham deixado solitário. E Ele ficara prostrado ao chão. Experimentava pavor e angústia. Finalmente ajoelha-Se para orar. Levanta-Se e Se dirige aos três discípulos aos quais convidara para estar consigo. Volta e ora de novo. Ergue-Se outra vez e vai aos discípulos, esperando ouvir palavras de encorajamento. Retorna ao lugar de oração transpirando gotas de sangue que respingam no so-

lo. E suplica: “Pai, tudo Te é possível; passa de Mim este cálice; contudo, não seja o que Eu quero, e, sim, o que Tu queres.” (Mar. 14:36).

O que era esse cálice? Seria porventura o sofrimento físico? A angústia mental pela traição, deserção e pelo escárnio? Jesus não temia essas coisas por mais penosas que elas se Lhe afigurassem. Sua coragem moral e disposição física, através de Seu ministério público, tinham sido indômitas. É ingênuo supor que agora Ele temesse o insulto e a morte. O cálice que O sustentava era o cálice da ira divina que deveria ser bebido pelo ímpio (Sal. 75:8) ou por alguém que o representasse. Ele não tinha pecado, mas assumira livremente os pecados de toda a humanidade.

O que era esse cálice? Representava os pecados de todos os que até então existiram ou que posteriormente viriam a existir. Seu pecado e meu pecado pesavam sobre Ele, e por essa razão Ele Se sentiu separado do Pai. Ele carregou em Seu corpo os nossos pecados (I Ped. 2:24). Deus “O fez pecado por nós” (II Cor. 5:21). Ele tornou-Se “maldição em nosso lugar” (Gál. 3:13). Tal proximidade com o pecado causou a separação de Deus.

O grito de Jesus no Calvário: “Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?” (Mat. 27:46) foi penosamente carregado em Seu coração e estava preso em Sua garganta. A infinita atração de amor existente entre Pai e Filho foi cruzada por uma igualmente infinita repulsa, porque

Deus odeia o pecado. Não existe parâmetro para descrever tal experiência.

Se o contraste entre a corrente de ar frio e a corrente de ar quente na atmosfera pode perturbar os céus com trovões e relâmpagos, o que poderia ter acontecido na alma de Jesus, onde a suprema santidade de Deus colidiu com a suprema malícia do pecado? Não surpreende que Seus lábios balbuciassem angustiosamente: "Minha alma está profundamente triste até à morte."

A experiência do Getsêmani encontra seu ponto culminante na frase pronunciada por Jesus: "não seja o que Eu quero e, sim, o que Tu queres." Mas quem é o "Eu" e quem é o "Tu", nessa sentença?

Há uma correlação entre o que aconteceu no jardim do Getsêmani e o que aconteceu no jardim do Éden. Se o pecado é um livre ato no qual a vontade humana desobedece a Deus, então a redenção não poderia ocorrer sem que o homem retornasse à perfeita obediência a Deus. Paulo deixa isso claro em Rom. 5:19: "Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos."

Para que tal obediência perfeita possa existir, é necessário que haja alguém que obedeça e alguém a quem se obedeça. Portanto, o "Eu" e o "daquela frase repercutem no próprio Cristo. É o homem Jesus quem obedece a Deus, livremente, por amor! É o novo Adão quem fala em nome de toda humanidade; e, finalmente, diz "sim" a Deus.

No Getsêmani podemos aprender algumas lições para o nosso dia-a-dia. Por exemplo, quando você tiver dificuldade para obedecer, ajoelhe-se ao lado de Cristo e veja-O prostrado. Ele lhe ensinará a obedecer. E obedecerá em você, e por você.

Jesus compreendeu a vontade de Deus e disse "sim". Quão freqüentemente conhecemos a vontade de Deus e preferimos seguir nosso próprio caminho ou a vontade de outros? Na atmosfera do Getsêmani, você sempre dirá "sim" a Deus.

Ellen White nos diz, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, que mesmo depois de Cristo haver dito "sim" a Deus, a tempestade não acalmou, mas Ele foi fortalecido e uma paz celeste cobriu Sua sangrenta face. As tempestades de sua vida não cessam quando você diz "sim" a Deus; mas, em meio às tormentas, sempre haverá paz e equilíbrio em seu coração.

No Calvário

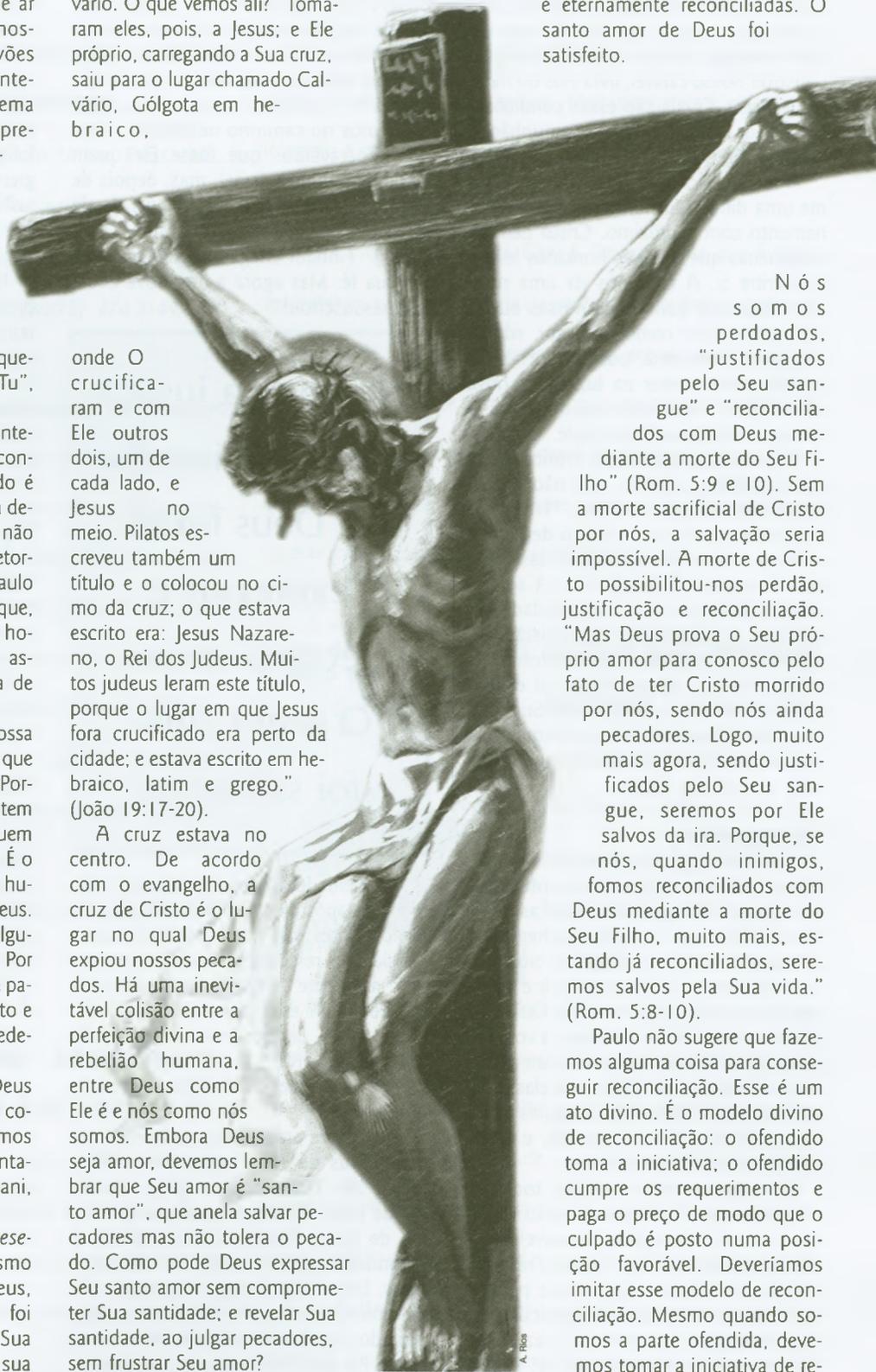
Vamos juntos ao monte Calvário. O que vemos ali? "Tomaram eles, pois, a Jesus; e Ele próprio, carregando a Sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico,

onde O crucificaram e com Ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus. Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego." (João 19:17-20).

A cruz estava no centro. De acordo com o evangelho, a cruz de Cristo é o lugar no qual Deus expiou nossos pecados. Há uma inevitável colisão entre a perfeição divina e a rebelião humana, entre Deus como Ele é e nós como nós somos. Embora Deus seja amor, devemos lembrar que Seu amor é "santo amor", que anela salvar pecadores mas não tolera o pecado. Como pode Deus expressar Seu santo amor sem comprometer Sua santidade; e revelar Sua santidade, ao julgar pecadores, sem frustrar Seu amor?

Foi o santo amor revelado na cruz, onde Deus pagou, através de Cristo, a penalidade de nossa desobediência (II Cor. 5:18 e 19). Na

cruz, as divinas misericórdia e justiça foram igualmente expressas e eternamente reconciliadas. O santo amor de Deus foi satisfeito.



N ó s
s o m o s
perdoados,
"justificados
pelo Seu sangue"
e "reconciliados
com Deus mediante
a morte do Seu Filho"
(Rom. 5:9 e 10). Sem
a morte sacrificial de Cristo
por nós, a salvação seria
impossível. A morte de Cristo
possibilitou-nos perdão,
justificação e reconciliação.
"Mas Deus prova o Seu próprio
amor para conosco pelo fato
de ter Cristo morrido por nós,
sendo nós ainda pecadores.
Logo, muito mais agora,
sendo justificados pelo Seu
sangue, seremos por Ele
salvos da ira. Porque, se nós,
quando inimigos, fomos
reconciliados com Deus
mediante a morte do Seu
Filho, muito mais, estando
já reconciliados, seremos
salvos pela Sua vida."
(Rom. 5:8-10).

Paulo não sugere que fazemos alguma coisa para conseguir reconciliação. Esse é um ato divino. É o modelo divino de reconciliação: o ofendido toma a iniciativa; o ofendido cumpre os requerimentos e paga o preço de modo que o culpado é posto numa posição favorável. Deveríamos imitar esse modelo de reconciliação. Mesmo quando somos a parte ofendida, devemos tomar a iniciativa de reconciliação.

Quando Deus garante reconciliar indivíduos eles são convidados a permitir que a graça, de Deus penetre

neles, transformando-os progressivamente à imagem de Deus. Paulo afirma que Deus nos salvou quando estávamos sob condenação. Agora que Ele nos reconciliou consigo, dá-nos condições para construir nosso caráter, livra-nos do hábito de pecar. Quais são essas condições? Estudo da Bíblia, oração, comunhão e testemunho pessoal.

A reconciliação vertical também assume uma dimensão horizontal no relacionamento com o próximo. Cristo derruba as barreiras que os seres humanos levantam entre si. A cruz nos dá uma nova identidade que transcende nossas outras identidades, tais como raça, cor, educação, sexo, economia, posição social. Os cristãos devem viver na luz dessa nova identidade. É aqui que encontramos a única possibilidade de unidade.

Negar nossa igualdade, teoricamente ou na prática, significa que não entendemos a mensagem da cruz. "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a Sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos." (1 João 3:16). A solidariedade de Jesus com a humanidade deveria ser assumida por todo cristão. Jesus não foi alguém que simplesmente viveu, morreu, ressuscitou e foi exaltado. Ele está vivo e presente em Sua igreja e entre a humanidade, proclamando e chamando indivíduos para que possam viver o amor e a justiça.

Na sepultura

Há outro lugar para visitarmos juntos. Vamos à tumba de Jesus! Um ente celestial trajando longas vestes brancas fala a Maria Madalena e a outras mulheres. Ele diz que Jesus de Nazaré, que foi crucificado, ressuscitou. E lhes ordena ir e avisar Seus discípulos (Mar. 16:5-7). Quão expressivas eram a face, os olhos, a voz e os gestos com que elas comunicaram a boa-nova aos discípulos. Antes que elas falassem, eles perceberam que alguma coisa extraordinária tinha acontecido, e sentiram um frio na espinha.

As mulheres tentavam falar todas ao mesmo tempo. Estavam tão entusiasmadas que os discípulos provavelmente lhes pediram para ficar calmas, respirar, e falar claramente. Tudo o que podiam ver e ouvir até então eram gesticulações e exclamações desconexas. "Vazia! Vazia! A tumba está vazia! Anjos! Anjos! Nós vimos anjos! Ele vive! Ele vive! O Mestre está vivo!"

Na sexta-feira anterior, os discípulos e outros seguidores de Jesus ficaram

perplexos e desorientados, com Sua crucificação e morte. Em virtude dos sinais observados durante Seu ministério, aquele trágico desfecho foi escandaloso e frustrante. O sentimento de decepção dos discípulos é apresentado por Lucas, ao relatar o episódio envolvendo os dois discípulos no caminho de Emaús: "Ora, nós esperávamos que fosse Ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam." (Luc. 24:21). Tinham chegado a um impasse em sua fé. Mas agora a boa-nova ecoa: "Ele ressuscitou!"

Na cruz, a justiça
e a misericórdia
de Deus foram
expressas e
reconciliadas.
O santo amor
foi satisfeito.

"Ele verdadeiramente ressuscitou", disseram os apóstolos aos dois discípulos de Emaús, antes mesmo de ouvir sua experiência. Ele ressuscitou, "verdadeiramente", "realmente". Alguns cristãos orientais transformaram essa frase em sua saudação pascal: "O Senhor ressuscitou", diz alguém, enquanto o que recebe o cumprimento responde: "Ele verdadeiramente ressuscitou."

Nas ruas e praças eles proclamaram as boas-novas do Jesus ressuscitado (Atos 2:32 e 36). Estabeleceram igrejas em nome de Jesus. Realizaram milagres em nome de Jesus. Testemunharam diante de autoridades governamentais em nome de Jesus. Enfrentaram perigos e perseguições em nome de Jesus. Permitiram-se ser aprisionados, açoitados e mortos em nome de Jesus. Por quê? Eles mesmos respondem: "Ele ressuscitou!"

A ressurreição demonstra a autenticidade de Jesus. Ele mesmo a indicou como um sinal de Sua divindade: "Destruí este

santuário, e em três dias o reconstruirei." (João 2:19). Os discípulos e outros tinham imaginado que o Pai havia retirado a autoridade de Cristo quando Ele clamou em angústia: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" Agora eles percebem que o Pai estava identificado com Ele, fazendo-O Senhor e Cristo. "O qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação." (Rom. 4:25). A versão inglesa enfatiza a idéia de que essa foi uma entrega deliberada.

Paulo constrói todo o edifício da fé, o processo de justificação e salvação sobre a ressurreição (1 Cor. 15:17). Com entusiasmo, ele declara: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a vossa fé." (1 Cor. 15:14). "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo." (Rom. 10:9).

Ele vive

Esse é o Cristo do Getsêmani. Esse é o Cristo do monte Calvário. Esse é o Cristo do sepulcro vazio. Esse é o Cristo que está vindo, quase podendo ser visto já na última curva da estrada, e logo chegará. Esse Cristo, que depois da Sua ressurreição entrou nas sinagogas através das portas fechadas, quer penetrar em todas as culturas, cidades e vilas, em todos os países e ilhas, guetos e arrabaldes que ainda se encontram fechados ao evangelho. Ele pode! Ele pode fazer isso através de você, seus talentos, sua vida. Ele quer que você O contemple, medite nEle. Faça isso, agora. Deseja que você receba o mesmo poder que Ele encontrou na comunhão com o Pai. Busque isso, agora.

Retornando de um congresso na cidade de Gramados, RS, lá pelos anos 70, muitos jovens perderam a vida num trágico acidente. Vários deles pertenciam à igreja central paulistana, onde foi realizado um funeral coletivo. Depois de assistir à cerimônia, um jornalista publicou a reportagem no jornal onde trabalhava sob o seguinte título: "Cerimônia religiosa conforta membros de igreja e converte um jornalista ateu." E escreveu: "Cristo existe. Era eu quem não existia. Ele desceu da cruz para abraçar-me, perdoar-me, aceitar-me. Ele está vivo."

Sim, Ele está vivo. Superou a angústia do Getsêmani, suportou vitorioso a cruz, rompeu as cadeias da morte e do sepulcro. E também quer abraçá-lo, hoje. Permita que Ele o envolva num abraço de amor. ☆

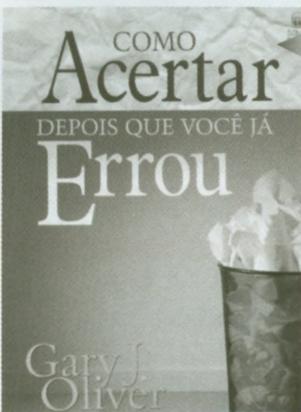


QUANDO OS ANJOS SILENCIARAM

– Max Lucado, Editora United Press Ltda., Rua Taquaritinga, 118, CEP 13036-530 Campinas, SP; Fone/Fax (0xx19) 278-3144; 270 páginas.

Muitos estavam confusos, outros com medo. Os habitantes do Céu a tudo assistiam atentos. Os anjos estavam preparados para cantar. O Deus-homem enfrentava Seus últimos dias na Terra. A humilhação seria grande, e muitos pensavam ser a derrota final e o fim de um projeto. Todos dependiam dEle e Ele caminhava para Seu principal objetivo – dar a própria vida. Ele morreria a nossa morte para que vivêssemos a Sua vida. Max Lucado, com muita sensibilidade, vai ajudá-lo a refletir no que Jesus estava sentindo naqueles momentos e relebrá-lo do que realmente importa na vida.

Nesta leitura devocional, você vai perceber como aquela semana foi especial.



COMO ACERTAR DEPOIS QUE VOCÊ JÁ ERROU

– Gary J. Oliver, Editora Betânia, Rua Padre Pedro Pinto, 2.435, Venda Nova, CEP 31570-000 Belo Horizonte, MG; 208 páginas.

Todos os dias, milhares de pessoas procuram um conselheiro ou terapeuta à procura de ajuda. Outras milhares lutam sozinhas

com seus problemas, temendo a sua exposição como fracassadas, especialmente dentro das igrejas. Mais comumente do que se imagina, a causa de seus conflitos reside na repetição de erros e fracassos não identificados e não tratados.

Neste livro, o conselheiro Gary J. Oliver mostra que quando aprendemos a ver os fracassos do ponto de vista divino, podemos encará-los de forma mais positiva e nos erguer com o coração quebrantado, o caráter fortalecido e mais conscientes da graça de Deus. Leitura apropriada para líderes conselheiros, tanto para o crescimento pessoal como para que ajudem outras pessoas a encontrar a saída para seus dilemas emocionais.



DANDO UM JEITO NO JEITINHO

– Lourenço Stelio Rega, Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21257, CEP 04602-970 São Paulo, SP; 241 páginas.

No dia-a-dia da cultura brasileira, há um fenômeno chamado *jeito* ou *jeitinho*. Trata-se de uma índole latente no povo que atua como uma força motriz ou inibidora do comportamento. O jeito gera vários dilemas éticos, tais como a corrupção, a impunidade, a economia informal e a desobediência civil. Esse quadro tem gerado questões muitas vezes de solução difícil, quando analisadas sob a ótica do cotidiano social.

E o cidadão cristão? E o líder cristão? Como vêm a questão e devem se conduzir em tal contexto? Lourenço Stelio Rega, mestre em Teologia, com especialização em Ética, faz uma abordagem clara sobre o assunto.

Encontrar "aquela" frase de Ellen White em 30 segundos...



agora é fácil!



Nos últimos 100 anos, a CASA já publicou mais de 50 livros de E. G. White, totalizando cerca de 20 mil páginas. Talvez você não tenha todos esses volumes à mão... Mas, com o novo CD-ROM "Obras de Ellen G. White", é quase certo que você vai localizar, com facilidade e rapidez, todas aquelas gemas preciosas do Espírito de Profecia.

Ligue grátis

0800-552616
0800-990606

para fazer seu
pedido

Adquira já o seu!



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Fax: (15) 250-8900 - <http://www.cpb.com.br>

